

A Dama das Camélias, de Alexandre Dumas Filho

Fonte:

DUMAS FILHO, Alexandre. A dama das camélias.
São Paulo: Brasiliense, 1965.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro

<<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Este material pode ser redistribuído
livremente, desde que não seja alterado, e que
as informações acima sejam mantidas. Para
maiores informações, escreva para
<bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e
voluntários para nos ajudar a manter este
projeto. Se você quer ajudar de alguma forma,
mande um e-mail para
<bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é
possível.

A Dama das Camélias
Alexandre Dumas Filho

PERSONAGENS

ARMANDO DUVAL

JORGE DUVAL, seu pai

GASTÃO RIEUX

SAINT-GAUDENS

GUSTAVO

CONDE DE GIRAY

ARTHUR DE VARVILLE

MÉDICO

ARTHUR

MENSAGEIRO

MARGARIDA GAUTHIER

NICHETTE

PRUDÊNCIA

NANINE

OLÍMPIA

ANAI

EMPREGADOS E CONVIVAS

A ação tem lugar em casa de Margarida; numa casa de campo em Auteuil; em casa de Olímpia e, novamente, em casa de Margarida.

ATO I

(“Boudoir” de Margarida. Uma porta ao fundo; à direita, uma lareira, à esquerda, uma porta aberta, deixando à mostra uma mesa e candelabros. À direita, entre a lareira e a porta do fundo, outra porta. Piano, mesas, poltronas e cadeiras).

CENA I

(Nanine está trabalhando; Varville está sentado junto à lareira. Ouve-se a campainha).

VARVILLE Estão batendo.

NANINE Valentim vai abrir.

VARVILLE De certo é Margarida.

NANINE Ainda não. Só deve chegar às dez e meia e ainda são dez horas... Veja! É dona Nichete

CENA II

NICHETTE (Da soleira, entreabrindo a porta)

Margarida não está? NANINE Não, senhora.

Queria falar com ela?

NICHETTE Não. Passei por aqui e subi para lhe dar um abraço; mas como não está já vou andando.

NANINE Espere um pouco, ela não deve demorar.

NICHETTE Não, não tenho tempo; Gustavo está lá embaixo. Ela vai bem?

NANINE Vai como sempre.

NICHETTE Diga-lhe que um dia desses venho vê-la
e que lhe deixei um abraço. Até logo,
Nanine. Adeus, meu senhor.
(Cumprimenta e sai).

CENA III

(Nanine e Varville)

VARVILLE Quem é essa moça?

NANINE É dona Nichette.

VARVILLE Nichette! Isso é nome de gata, não é
nome de gente.

NANINE É um apelido. Tem os cabelos tão crespos
que parece mesmo uma gatinha. Foi
colega da patroa na loja onde ela
antigamente trabalhava.

VARVILLE Então Margarida já trabalhou numa loja?

NANINE Foi bordadeira.

VARVILLE Ora vejam!

NANINE O senhor não sabia? Não é
nenhum segredo. VARVILLE É bem
bonitinha, essa Nichette!

NANINE É ajuizada!

VARVILLE E esse tal de Gustavo?

NANINE Que Gustavo?

VARVILLE O que ela disse que estava esperando lá embaixo? NANINE É o marido dela.

VARVILLE Então é o senhor Nichette?

NANINE Ainda não é o marido, mas logo vai ser.

VARVILLE Portanto, é o amante. Muito bem... A mocinha é ajuizada mas já tem o seu amante.

NANINE Que só gosta dela, como ela só gosta dele e sempre há de gostar. E com quem vai se casar, ouça o que estou lhe dizendo. Dona Nichette é uma moça direita.

VARVILLE (Levantando-se e se aproximando de Nanine). Afinal de contas, pouco me importa... Parece que não estou ganhando terreno aqui.

NANINE Não está mesmo.

VARVILLE Que idéia de Margarida...

NANINE O que?

VARVILLE Sacrificar todo o mundo a esse tal de Mauriac, que deve ser um bom cacete.

NANINE Coitado! É a única felicidade que tem... É um pai para ela... mais ou menos.

VARVILLE Claro! Anda correndo por aí uma estória

muito patética. Infelizmente...

NANINE Infelizmente, o que?

VARVILLE Eu não acredito nela.

NANINE (Levantando-se). Ouça, Sr. barão, há muito de verdade no que corre sobre a patroa; razão de sobra para não se dar ouvidos ao que é falso. Mas uma coisa eu lhe digo, porque vi com os meus próprios olhos, e Deus é testemunha de que não estou levando e trazendo pois a patroa não tem o menor interesse em enganá-lo, nem se preocupa o mínimo em estar bem ou mal com o senhor. ... Mas como eu ia dizendo, há dois anos atrás, depois de uma modéstia grave, a patroa foi

para uma estação de águas, convalescer. Eu fui com ela.

Entre os doentes que freqüentavam o balneário havia uma moça, mais ou menos da idade dela, e com a mesma moléstia, só que em grau mais adiantado. As duas pareciam gêmeas. Essa moça era a filha do duque de Mauriac.

VARVILLE E a moça morreu.

NANINE Pois é.

VARVILLE E o duque, desesperado, descobrindo
nos traços, na idade e até na moléstia
de Margarida a imagem da filha,
implorou
que o recebesse e que o deixasse amá-la como um
pai.

Então Margarida confessou sua
condição...

NANINE Porque a patroa não mente.

VARVILLE Justo. Mas como Margarida não se
parecia com ela no moral, tanto quanto
se parecia no físico, o duque prometeu
lhe tudo, contanto que ela mudasse de vida com o
que
Margarida concordou logo. Mas de
volta a Paris é claro que se esqueceu de
tomar ao pé da letra a palavra dada. E o
duque... vendo que só recebia metade da felicidade,
cortou
lhe a mesada pela metade. Resultado: Margarida tem
hoje
50.000 francos de dívidas.

NANINE Que o senhor está pronto a pagar.

Infelizmente há quem prefira dever
dinheiro aos outros, que
reconhecimento ao
senhor.

VARVILLE Mesmo porque o conde de Giray está
sempre à mão.

NANINE O senhor é impossível! O que eu posso
afirmar é que a estória do duque é
verdadeira, dou-lhe a minha palavra.

Quanto ao conde não passa de um amigo.

VARVILLE Pronuncie melhor a palavra.

NANINE Isso mesmo, um amigo! Que língua o
senhor tem, credo! Estão batendo.
Deve ser a patroa. Posso contar a ela o
que o senhor andou me dizendo?

VARVILLE (Dando-lhe a bolsa). Não, Nanine,
não conte. NANINE (Pegando a bolsa). O
senhor merecia que eu contasse.

CENA IV

MARGARIDA (À Nanine). Mande aprontar a ceia,
Nanine. Olímpia e Saint-Gaudens vêm
ai... encontrei-os na Ópera. (À
Varville). Você por aqui, Varville? (Vai sentar-se
junto à
lareira).

VARVILLE O meu destino, senhora, é esperar por vós... MARGARIDA Mas o meu destino, senhor, não é vos aturar... VARVILLE Enquanto não me fechar a porta, hei de vir. MARGARIDA Com efeito, não há uma só vez que eu entre em casa que não o encontre esperando. O que ainda tem para me dizer? VARVILLE Você bem sabe.

MARGARIDA A mesma coisa, sempre! Que monotonia Varville! VARVILLE Que culpa eu tenho de gostar de você?

MARGARIDA Que bom argumento! Meu caro, se eu fosse obrigada a ouvir todos os que gostam de mim, não me sobrava mais tempo nem para jantar. Uma vez por todas, Varville, está perdendo seu tempo. Deixo você vir quando lhe dá na cabeça entrar

quando não estou em casa, me esperar até minha chegada...nem sei bem porque. Mas pretende continuar falando de seu amor sem me dar trégua, eu o mando embora.

VARVILLE No entanto, Margarida, o ano passado em Bagnères, você me deu esperanças.

MARGARIDA Ah! Meu caro, isso foi em Bagnères,
eu estava doente, aborrecida... Aqui é
diferente, estou me sentindo bem e não
me aborreço mais.

VARVILLE Compreendo quando se é amada pelo
duque de Mauriac... MARGARIDA Que idiota!

VARVILLE E quando se gosta do conde de Giray...

MARGARIDA Posso gostar de quem quiser,
ninguém tem nada com isso e muito
menos você; e só o que tem a dizer,
pode ir
embora. (Varville começa a andar pela sala). Não
quer ir
embora?

VARVILLE Não.

MARGARIDA Então sente-se ao piano. É a única
coisa que sabe fazer. VARVILLE O que quer que
eu toque? (Nanine entra durante a música).

MARGARIDA O que quiser.

CENA V

(Os mesmos, Nanine).

MARGARIDA Deu ordens para a cela, Nanine.

NANINE Dei, sim senhora.

MARGARIDA O que é isso que você está tocando, Varville? VARVILLE Uma “Rêverie” de Rosselen.

MARGARIDA Que bonito!...

VARVILLE Escute, Margarida, tenho 80.000 francos de renda. MARGARIDA E eu, 100.000. (A Nanine). Você esteve com Prudência?

NANINE Estive, sim senhora.

MARGARIDA Ela vem cá, hoje de noite?

NANINE Vem, sim senhora assim que chegar. Dona Nichette esteve aqui.

MARGARIDA E por que não me esperou?

NANINE O Sr. Gustavo estava lá embaixo. Quem também esteve aqui foi o doutor.

MARGARIDA O que é que ele queria?

NANINE Recomendar à senhora que não se esquecesse do repouso. MARGARIDA Como ele é bom! E que mais?

NANINE Também trouxeram umas flores.

VARVILLE Que eu mandei.

MARGARIDA (Pegando o ramalhete). Rosas e goivos. Leve essas flores para o seu quarto, Nanine.

(Nanine sai)

VARVILLE (Parando de tocar). Por

que? Não gostou? MARGARIDA

Como é que me chamam?

VARVILLE Margarida Gauthier.

MARGARIDA Que apelido me deram?

VARVILLE A dama das camélias.

MARGARIDA Por que?

VARVILLE Porque são as únicas flores que costuma
usar. MARGARIDA O que quer dizer que são as
únicas flores que me agradam, e que é inútil me
mandarem outras. Se pensou que lhe ia abrir uma
exceção, enganou-se, Varville. O perfume me enerva.

VARVILLE Não tenho mesmo sorte.

Adeus Margarida. MARGARIDA

Adeus.

CENA VI

(Os mesmos, Olímpia, Saint-Gaudens, Nanine).

NANINE (Entrando). Dona Olímpia e o Sr.

Saint-Gaudens. MARGARIDA Até que

enfim, Olímpia, pensei que não viesse mais.

OLÍMPIA A culpa foi de Saint-Gaudens.

SAINT-GAUDENSA culpa é sempre
minha. Boa noite, Varville. VARVILLE
Boa noite, meu caro.

SAINT-GAUDENS Vai cear conosco?

MARGARIDA Não, não vai.

SAINT-GAUDENS (À Margarida). E você,
menina, como tem passado? MARGARIDA
Muito bem.

SAINT-GAUDENS Ótimo! Então, como é?
Vamos nos divertir hoje aqui? OLÍMPIA É
claro! Você não está presente?

SAINT-GAUDENS Pestinha! Ah! E Varville que não
ceia conosco, não me conformo com
isso. (A Margarida). Quando passei
pelo

“Galo de Ouro” pedi que me mandassem umas ostras
e
aquela champanha que só vendem a
mim, uma delícia! Uma verdadeira
delícia!

OLÍMPIA É Prudência, não vem?

MARGARIDA Vem sim.

OLÍMPIA (Baixo à Margarida). Por que não

convidou o Edmundo? MARGARIDA E você?

Por que não o trouxe?

OLÍMPIA É Saint-Gaudens?

MARGARIDA Será que ainda não se habituou?

OLÍMPIA Ainda não, minha filha. Na idade dele é difícil pegar um hábito, principalmente um bom hábito.

MARGARIDA (Chamando Nanine). E a ceia, Nanine?

NANINE Daqui a cinco minutos. Onde quer que a sirva? Na sala de jantar?

MARGARIDA Não, aqui mesmo, estamos mais à vontade. E então, Varville? Você ainda não foi?

VARVILLE Já vou indo.

MARGARIDA (Na janela chamando). Prudência!

OLÍMPIA Ah, então Prudência mora ao lado?

MARGARIDA Em frente. Suas janelas ficam defronte às minhas. Estamos separadas por uma área apenas. É muito cômodo quando preciso dela.

SAINT-GAUDENS Ah! E o que é que ela faz?

OLÍMPIA É modista...

MARGARIDA Mas sou eu a única pessoa no mundo

que lhe compra os chapéus.

OLÍMPIA Que, aliás, não usa.

MARGARIDA Já faço muito de os comprar, são medonhos! Mas é uma boa pessoa e vive precisando de dinheiro.

(Chamando).

Prudência!

PRUDÊNCIA (Do lado de fora). O que é?

MARGARIDA Se já chegou, por que é que ainda não veio? PRUDÊNCIA Não pude.

MARGARIDA Por que?

PRUDÊNCIA Estou com visita, dois moços. E me convidaram para cear.

MARGARIDA Pois traga-os para cá, dá no mesmo .
Como é que se chamam?

PRUDÊNCIA Um, você já conhece, é Gastão Rieux.

MARGARIDA Oh! Se conheço! E o outro?

PRUDÊNCIA O outro é um amigo dele.

MARGARIDA É o que basta; então venha de.
pressa. Está fazendo frio, hoje. (Tosse um pouco à Olímpia, sentando-se perto dela).

E você, como vai?

OLÍMPIA Bem.

MARGARIDA Ponha lenha no fogo, Varville,
estamos gelados. Ao menos seja útil, já
que não pode ser agradável. (Varville se
abaixa
diante da chaminé e atiza o fogo).

CENA VII

(Os mesmos, Gastão, Armando, Prudência, um
criado).

O CRIADO (Anunciando). O Sr. Gastão Rieux, o Sr.
Armando Duval, a Sra. Duvernoy.

OLÍMPIA Que finura! Quanta etiqueta!

PRUDÊNCIA Pensei que houvesse gente da alta.

SAINT-GAUDENSA Sra. Duvernoy já
começa com as suas gentilezas. GASTÃO

Minha senhora, como tem passado?

MARGARIDA Bem e o senhor?

PRUDÊNCIA Ah! Que cerimônias são essas?

MARGARIDA Gastão agora é um moço de salão;
depois, se eu falasse com ele de outro jeito, Eugênia
me arrancava os olhos.

GASTÃO As mãos de Eugênia são pequenas demais
para tão grandes olhos.

PRUDÊNCIA Chega de galanteria. Margarida, quero lhe apresentar o Sr. Armando Duval...

MARGARIDA Preciso me levantar?

ARMANDO Não minha senhora, não é preciso.

PRUDÊNCIA ... o apaixonado mais fiel que você tem em Paris.

MARGARIDA (À Prudência). Diga que ponham mais dois talheres; pois acho que essa paixão não o vai impedir de cear.
(Estende a mão a Armando, que se inclina e a beija).

SAINT-GAUDENS(A Gastão que está na sua frente). Que prazer em vê-lo, meu caro!

GASTÃO Sempre moço, hein meu velho?

SAINT-GAUDENS Sempre.

GASTÃO E como vamos de amores?

SAINT-GAUDENS(Mostrando Olímpia). Como está vendo.

GASTÃO Meus parabéns.

SAINT-GAUDENS Estava morrendo de medo de encontrar Amanda por aqui. GASTÃO Coitada!

Bem que gostava de você.

SAINT-GAUDENS Até demais. Mas havia um certo
jovem de quem não conseguia se
desvencilhar: o banqueiro. (Ri). Como
é que
eu podia fazê-la perder uma posição tão brilhante?
Eu era o
favorito. Esplêndido. Mas vivia escondido nos
armários,
rondando as escadas, esperando ao relento.

GASTÃO O que lhe dava reumatismo.

SAINT-GAUDENS Não, mas o tempo corre. E a
mocidade passa. E Varville, coitado, que não ceia
conosco? Não me conformo.

GASTÃO (Aproximando-se de Margarida).
estupendo, ele tem dezoito anos!

MARGARIDA Só os velhos é que não envelhecem
nunca. Ele é estupendo. SAINT-GAUDENS (A
Armando, que Olímpia está lhe apresentando). Por
 acaso é parente do Sr. Duval, o coletor geral?

ARMANDO Sou, sim senhor é meu pai. O senhor o
conhece?

SAINT-GAUDENS Conheci-o há tempos, em casa
da baronesa de Nersay. A senhora sua
mãe também por sinal que era muito
bonita.

ARMANDO Morreu há três anos.

SAINT-GAUDENS Desculpe ter falado nisso.

ARMANDO Gosto que falem em minha mãe. As grandes afeições têm isso de belo: quando já não temos a felicidade de sentir, resta-nos sempre a felicidade de recordar.

SAINT-GAUDENS É filho único?

ARMANDO Não, tenho uma irmã... (Vão avançando para o fundo do palco, sempre conversando).

MARGARIDA (Baixo, a Gastão). É muito simpático, seu amigo.

GASTÃO Também acho. E além disso tem uma verdadeira paixão por você, não é mesmo, Prudência?

PRUDÊNCIA O que?

GASTÃO Estava dizendo à Margarida que Armando está louco por ela...

PRUDÊNCIA E verdade; nem pode fazer uma idéia!

GASTÃO Gosta tanto de você que nem se atreve a confessar. MARGARIDA (A Varville, que está

tocando piano). Fique quieto, Varville. VARVILLE

Mas é você que me manda sempre tocar piano.

MARGARIDA Quando estamos sós; mas não

quando tenho visitas. OLÍMPIA O que estão
cochichando aí?

MARGARIDA Se quiser saber, preste atenção.

PRUDÊNCIA (Baixo) E dizer que esse

amor já tem dois anos ! MARGARIDA

Santo Deus! Já é um velho!

PRUDÊNCIA Armando vive em casa de Gustavo e
de Nichette só para ouvir falar em você.

GASTÃO O ano passado, quando você esteve
doente e passou três meses de cama,
não lhe contaram que todos os dias um
moço vinha pedir notícias, sem nunca deixar o
nome?

MARGARIDA Estou me lembrando...

GASTÃO Pois era ele.

MARGARIDA Que amabilidade!

(Chamando). Sr. Duval? ARMANDO

Minha senhora...

MARGARIDA Sabe o que estão me dizendo? Estão
me dizendo que quando eu estive

doente , senhor vinha saber de mim,
todos os dias.

ARMANDO É verdade, minha senhora.

MARGARIDA O menos que eu posso fazer, agora, é
agradecer-lhe. Está ouvindo, Varville?
Você nunca foi capaz de fazer o
mesmo.

VARVILLE Mas se eu só a conheço há um ano!

MARGARIDA E este senhor, que só me conhece há
cinco minutos?... Você só diz
bobagens, Varville. (Entra Nanine,
acompanhada dos
criados, trazendo a mesa).

PRUDÊNCIA Para a mesa! Estou morrendo de
fome.

VARVILLE Adeus, Margarida.

MARGARIDA Adeus, meu amigo, e até quando?

VARVILLE Você é que sabe?

MARGARIDA Então, adeus.

VARVILLE (Cumprimentando). Meus senhores.

OLÍMPIA Adeus Varville, adeus meu caro
(Enquanto isso os empregados
arrumaram a mesa, que a esta pronto
todos se

puseram à mesa).

CENA VIII

(Os mesmos, menos Varville) .

PRUDÊNCIA Como você é áspera com o bar.

MARGARIDA Ele é um cacete. Vive me oferecendo um pecúlio. OLÍMPIA E ainda se queixa! Quem me dera que fizesse o mesmo comigo!

SAINT-GAUDENSÉ muito lisonjeiro para mim, o que você está dizendo.

OLÍMPIA Não meta na conversa a sua colher torta, meu caro. Não é com você que eu estou falando

MARGARIDA Vamos, sirvam-se! Comam, bebam e discutam mas só a conta para depois fazerem as pazes.

OLÍMPIA (À Margarida). Sabe o que ele me deu no dia dos meus anos?

MARGARIDA Quem?

OLÍMPIA Saint-Gaudens.

MARGARIDA Não.

OLÍMPIA Um cupê.

SAINT-GAUDENS Do Binder.

OLÍMPIA É, mas não consegui que me desse os cavalos. PRUDÊNCIA Enfim,

um cupê, é sempre um cupê.

OLÍMPIA Mas sem a parelha, só se eu mesma o
puxasse. Seria muito bonito.

SAINT-GAUDENSEstou arruinado,
goste de mim como eu sou. OLÍMPIA
Pois sim! Não faltava mais nada!

PRUDÊNCIA (Apontando um prato). Que
bichinhos são esses? GASTÃO Perdizes.

PRUDÊNCIA Me dê uma.

GASTÃO Ah! Com ela é uma perdiz de cada vez!
Que belo garfo! Será que foi ela que arruinou
Saint-Gaudens?

PRUDÊNCIA Ela! Ela! Isso são modos de falar a
uma senhora? No meu tempo...

GASTÃO Ah! Vai começar a falar de Luís XV.
Margarida, faça Armando beber; está triste como
uma canção.

MARGARIDA Vamos, senhor Armando, à minha
saúde!

TODOS À saúde de Margarida!

PRUDÊNCIA Por falar em canção e se a gente
cantasse uma? GASTÃO Sempre as velhas
tradições... Tenho certeza de que Prudência já se

apaixonou por um tenor...

PRUDÊNCIA Basta, moço.

GASTÃO Cantar e comer é um absurdo.

PRUDÊNCIA Pois eu gosto; espairose. Vamos
Margarida, cante a Canção de Philogène, um poeta
que faz versos.

GASTÃO O que queria que ele fizesse?

PRUDÊNCIA Que faz versos a Margarida... a sua
especialidade. Vamos, a canção?

GASTÃO Em nome de minha geração, eu protesto!

PRUDÊNCIA Então vamos por votos! (Todos
levantam a mão, menos Gastão).
Ganhou a canção. Dê o bom exemplo
às minorias, Gastão.

GASTÃO Vá lá. Mas eu não gosto dos versos de
Philogène. Já que me obrigam, prefiro cantar,
(Canta).

GASTÃO (Tornando a se sentar). A verdade é que a
vida é boa e Prudência é gorda.

OLÍMPIA É isso, há trinta anos.

PRUDÊNCIA Vamos acabar com essa brincadeira...
Que idade pensam que eu tenho?

OLÍMPIA Uns quarenta anos bem batidos.

PRUDÊNCIA Essa agora é boa! Fiz trinta e cinco o

ano passado.

GASTÃO Portanto, trinta e seis este ano... Vejam só! Ninguém lhe daria mais que uns quarenta, palavra de honra!

MARGARIDA A propósito de idade, me diga uma coisa Saint-Gaudens me contaram uma estória a seu respeito ...

OLÍMPIA E a mim também

SAINT-GAUDENS Que estória?

MARGARIDA De um fiacre amarelo.

OLÍMPIA Pois é verdade.

PRUDÊNCIA Quer me passar a lagosta?

GASTÃO Credo! Prudência tem um estômago de avestruz.

PRUDÊNCIA Por acaso, é proibido comer?

GASTÃO Vamos, a estória do fiacre amarelo.

OLÍMPIA Fiquem sabendo meus amigos, que este imprestável que vocês estão vendo, até hoje não me deu um tostão de pecúlio...

SAINT-GAUDENS Calma. de meu tio.

OLÍMPIA Seus tio! Essa é boa!... Como se na sua idade ainda se pudesse ser sobrinho de alguém! Que tio é esse? O judeu

errante?

SAINT-GAUDENS Quem sabe?

GASTÃO Então, só vai herdar uns cinco tostões...
mau negócio.

OLÍMPIA Afinal, querem ou não querem ouvir a
estória do fiacre amarelo?

GASTÃO Queremos, mas espere um pouco que eu
vou sentar perto de Margarida Prudência está muito
cacete.

PRUDÊNCIA Oh! Que moço, bem educado!

MARGARIDA Vamos, Gastão, fique quieto.

SAINT-GAUDENS—Que ceia excelente!

OLÍMPIA (A Saint-Gaudens. Eu te conheço! Está
vendo se escapa da estória do fiacre.

MARGARIDA Amarelo.

SAINT-GAUDENS Eu? Que me importa!

OLÍMPIA Pois bem! Imaginem que Saint-Gaudens
estava apaixonado por Amanda.

GASTÃO Já estou ficando comovido, preciso dar
um, beijo em Margarida.

OLÍMPIA Tenha modos, Gastão.

GASTÃO Olímpia está furiosa porque eu lhe
estraguei o feito.

MARGARIDA E tem razão. Você hoje está mais cacete do que Varville, por isso vai ficar de castigo como os meninos sem modos.

OLÍMPIA Isso! Vá já para o canto.

GASTÃO Com uma condição; no fim, cada um' tem de me dar um beijo.

MAGARIDA Prudência faz a coleta e depois te beija por nós todas.

GASTÃO Não, assim não! Quero um beijo dei cada uma.

OLÍMPIA Está bem, vá lá! Agora vá se sentar bem quietinho. Um dia, ou melhor, uma noite.

GASTÃO (Tocando Malbrough no piano). Está desafinado, este piano. MARGARIDA Não lhe dêem confiança.

GASTÃO Que estória mais cacete!

SAINT-GAUDENS Gastão tem razão

GASTÃO Depois, para que toda essa estória? Para provar que Amanda enganava Saint-Gaudens. Mas quem é que ainda não foi enganado, Estamos cansados de saber que somos sempre enganados pelos

amigos e pelas amantes. Isso é velho
como a Sé e... como Prudência.

MARGARIDA Saint-Gaudens é um herói, um brinde
a Saint-Gaudens, (Bebe). Nós todas
vamos ficar loucas por Saint-Gaudens.
Quem não estiver louca por
Saint-Gaudens levante a mão... Que
unanimidade !... Viva Saint-Gaudens!
Gastão, toque

qualquer coisa para Saint-Gaudens dançar.

GASTÃO Só sei uma polca.

MARGARIDA Pois que venha a polca! Vamos,
Saint-Gaudens e Armando, arrastem a mesa.

PRUDÊNCIA Mas eu ainda não acabei .

OLÍMPIA Gente! Ela disse “Armando.”

GASTÃO (Tocando). Depressa, que já está chegando
o pedaço em que eu me atrapalho.

OLÍMPIA O que? Eu é que vou dançar com
Saint-Gaudens? MARGARIDA Não, sou eu...

Venha meu querido Saint-Gaudens, vamos.

OLÍMPIA Vamos, Armando, vamos. (Margarida
dança um pouco e de repente pára).

SAINT-GAUDENSO que você tem?

MARGARIDA Falta de ar.

ARMANDO (Aproximando-se). A senhora está sentindo-se mal? MARGARIDA Oh!

Não é nada; vamos.

SAINT-GAUDENSEntão, vamos. (Ela começa e torna a parar). ARMANDO Pare, Gastão.

PRUDÊNCIA Margarida não está bem.

MARGARIDA Um copo d'água, por favor.

PRUDÊNCIA O que você tem?

MARGARIDA A mesma coisa, sempre. Não é nada estou dizendo. Vão fumar um pouco na outra sala.
Eu já vou.

PRUDÊNCIA Vamos, quando isso acontece ela
prefere ficar só, não é nada.

MARGARIDA Vão, eu não demoro.

PRUDÊNCIA Venham! (À parte). Não há meio da
gente se divertir, nesta casa.

ARMANDO Pobre moça!

CENA IX

(Margarida só).

MARGARIDA Ah!... (Olha-se no espelho).

Como estou pálida!... Ah!

(Esconde o rosto nas mãos e se

apoia na lareira, com os cotovelos).

CENA X

(Margarida e Armando).

ARMANDO Então? Como está se sentido?

MARGARIDA Ah! É o senhor? Estou melhor, obrigada... Aliás, já me acostumei.

ARMANDO Está se matando... Quem me dera ser seu amigo, seu parente, para não a deixar fazer o que está fazendo.

MARGARIDA Não ia conseguir nada. Pronto, vamos!... Mas que é que há? ARMANDO Não posso continuar vendo isso.

MARGARIDA Como o senhor é bom... Veja! Os outros nem se incomodam!

ARMANDO Os outros não gostam da senhora, como eu gosto. MARGARIDA Ah! É verdade, ia me esquecendo desse grande amor.

ARMANDO Está achando graça?

MARGARIDA Deus me livre! Ouço a mesma coisa todos os dias, já não acho mais graça.

ARMANDO Pois seja! Mas será que este amor não merece uma promessa?

MARGARIDA Que promessa?

ARMANDO De se tratar.

MARGARIDA Me tratar... Será que é possível?

ARMANDO Por que não?

MARGARIDA Mas se eu me tratasse, eu morreria,
meu amigo. O que ainda me sustenta é
a agitação da vida que levo. Me tratar...
Isso é bom para as moças de sociedade,
as que têm família e

amigos: mas nós, quando não servimos mais, nem
para o
prazer nem para a vaidade de ninguém, somos postas
de
lado. E às noites sem fim, sucedem os dias sem fim;
eu sei
disso, estive de cama dois meses, depois de três
semanas,
ninguém mais vinha me ver.

ARMANDO Eu sei que não significo nada para a
senhora... mas se quisesse, Margarida,
eu a tratava como um irmão, ficava
sempre ao seu lado e havia de curá-la. Quando as
forças
voltassem, podia, se quisesse, retornar à vida que
leva; mas

tenho certeza de que então, ia preferir uma existência
mais
calma.

MARGARIDA Fica sempre terno, quando bebe?

ARMANDO Você não tem coração, Margarida?

MARGARIDA Coração... É a única ameaça de
naufrágio na travessia que estou fazendo.

ARMANDO .Não tem coração, diga?

MARGARIDA Quem sabe? Tudo é possível. Mas
por que está perguntando?

ARMANDO Porque se tiver coração, ou se for
compreensiva, não pode rir do que estou falando.

MARGARIDA Então é sério?

ARMANDO Muito sério.

MARGARIDA Quer dizer que Prudência não me
enganou, o senhor é mesmo sentimental.

ARMANDO É ridículo, não é?

MARGARIDA Depende da pessoa.

Então, cuidaria de mim? ARMANDO

Cuidaria.

MARGARIDA Ficaria ao meu lado o dia inteiros.

ARMANDO O dia inteiro, até que me

mandasse embora. MARGARIDA E

chama a isso?

ARMANDO Dedicção!

MARGARIDA E donde vem essa dedicação?

ARMANDO Da simpatia irresistível

que sinto por você. MARGARIDA

Desde quando?

ARMANDO Há dois anos. Desde um dia em que
passou por mim, bela, ativa e risonha.
Desde esse dia sigo sua vida de longe,
em
silêncio.

MARGARIDA E por que só hoje está me
dizendo tudo isso? ARMANDO Eu não a
conhecia, Margarida

MARGARIDA Devia ter procurado me conhecer
Por que foi que quando estive doente,
e veio saber de mim com tanta
assiduidade,
por que foi que não subiu?

ARMANDO Com que direito?

MARGARIDA Será que uma mulher como eu,
pode constranger alguém? ARMANDO Uma
mulher sempre nos constrange... depois...

MARGARIDA Depois...

ARMANDO Tinha medo de você, da influência que poderia exercer em minha vida. A prova disso é a emoção que senti esta noite, vendo o estado em que se encontra.

MARGARIDA Então, está apaixonado por mim?

ARMANDO Hoje não lhe quero dizer.

MARGARIDA Então não me diga nunca.

ARMANDO Por que?

MARGARIDA Porque só podem resultar duas coisas dessa confissão: ou não a levo a sério e fica-me querendo mal ou a levo a sério e neste caso sairá ganhando a companhia triste de uma mulher nervosa, doente, melancólica ou alegre, mas de uma

alegria ainda mais soturna que a tristeza. Uma mulher que gasta 100.000 francos por ano isso bom para um velho rico como o duque, não para um moço, como você. Mas isso tudo é bobagem! Me dê a mão e vamos para a sala. Ninguém precisa saber do que estivemos falando.

ARMANDO Se quiser, vá mas peço-lhe que me deixe ficar. MARGARIDA Por que?

ARMANDO Porque sua alegria me faz mal.

MARGARIDA Quer que lhe dê um conselho?

ARMANDO Pois não.

MARGARIDA Se é verdade o que me disse, vá-se embora, fuja; ou então goste de mim apenas como amigo. Venha me ver de vez em quando, havemos de rir, de conversar, mas não exagere o

que valho, pois não valho grande coisa. Seu coração é bom

e você precisa de afeição; é muito moço, e muito sensível

para viver no nosso meio. Goste de outra mulher e então se case. Está vendo, sou uma moça sensata e estou sendo franca.

CENA XI

(Os mesmos, Prudência).

PRUDÊNCIA (Entreabrindo a porta). Ah! Que diabo estão fazendo aí? MARGARIDA

Raciocinando; um momento ainda, Prudência nós

já vamos. PRUDÊNCIA Estejam à vontade!

CENA XII

(Margarida e Armando).

MARGARIDA Então, está combinado, não vai mais gostar de mim. ARMANDO Vou viajar, sigo o seu conselho.

MARGARIDA É a esse ponto?

ARMANDO É...

MARGARIDA Quantos já me disseram o mesmo e não partiram. ARMANDO De certo você os prendeu.

MARGARIDA Palavra, que não.

ARMANDO Então nunca se apaixonou por ninguém?

MARGARIDA Graças a Deus, nunca!

ARMANDO Obrigado!

MARGARIDA De que?

ARMANDO Do que acaba de dizer; nada podia me alegrar tanto. MARGARIDA Que homem esquisito!

ARMANDO E se eu lhe contasse, Margarida, que já passei noites e noites debaixo de sua

janela, que há seis meses guardo um
botãozinho perdido de sua luva...

MARGARIDA Eu não acreditava.

ARMANDO Tem razão, é um disparate... ria de
mim, é o melhor que tem a fazer Adeus.

MARGARIDA Armando!

ARMANDO Você me chamou?

MARGARIDA Não quero que se vá embora
zangado.

ARMANDO Zangado com você? É impossível!

MARGARIDA Diga, há um pouco de verdade
em tudo o que me disse? ARMANDO Por que
está perguntando?

MARGARIDA Se é assim, aperte minha mão, venha
me ver de vez em quando, venha sempre...
para falarmos nisso.

ARMANDO É demais o que me oferece e ainda não
é o bastante.

MARGARIDA Então meu amigo, faça o seu pedido,
peça o que quiser, pois pelo que
parece, sou eu que estou lhe devendo
alguma coisa.

ARMANDO Não diga isso. Não quero mais que
brinque com coisas sérias.

MARGARIDA Não estou brincando mais.

ARMANDO Então, responda...

MARGARIDA O que?

ARMANDO Você quer ser amada?

MARGARIDA Conforme. Por quem?

ARMANDO Por mim.

MARGARIDA E depois?

ARMANDO Com um amor profundo, eterno?

MARGARIDA Eterno?

ARMANDO Eterno.

MARGARIDA E se de repente eu acreditasse,
o que ia dizer de mim? ARMANDO Que é um
anjo !

MARGARIDA Não, ia dizer o que todo o mundo
diz. Mas que me importa? Como tenho
menos tempo de vida que os outros,
preciso
viver mais depressa. Mas fique tranqüilo eterno que
seja
o seu amor e curta que seja a minha
vida, será sempre mais longa do que a
sua paixão.

ARMANDO Margarida!

MARGARIDA Mas neste momento está comovido,
sua voz é sincera, acredita no que está
dizendo. Tudo isso merece uma
recompensa... Tome esta flor...

ARMANDO Para que?

MARGARIDA Para que me devolva.

ARMANDO Quando?

MARGARIDA Quando murchar.

ARMANDO E quanto tempo leva para murchar?

MARGARIDA O tempo que leva toda flor:

uma] tarde, uma manhã. ARMANDO Ah!

Margarida! Como sou feliz !

MARGARIDA Então, diga que gosta de
mim, mais uma vez. ARMANDO Eu te
amo!

MARGARIDA E agora, adeus.

ARMANDO (Recuando). Adeus. (Volta, beija-lhe a
mão ainda uma vez e sai. Risos nos bastidores).

CENA XIII

(Margarida, Gastão, Saint-Gaudens, Olímpia e
Prudência).

MARGARIDA (Margarida sozinha, olhando a porta
fechada). Por que não? Para que? E

entre essas duas frases minha vida vai e vem.

GASTÃO (Entreabrindo a porta). Coro dos aldeões (Canta).

SAINT-GAUDENS Como está divertido (Dança).
(No fim do ato Prudência põe na cabeça um chapéu de homem e Gastão um chapéu de mulher, etc., etc. ...) .

ATO II

(Quarto de Margarida. Uma porta ao fundo; à direita uma porta disfarçada, coberta por um Quadro; no primeiro plano, sempre do mesmo lado, uma mesa de “toilette”, estilo Pompadour; à esquerda uma sacada e no primeiro plano, uma lareira; poltronas e cadeiras).

CENA I

(Margarida, Nanine e Prudência) .

MARGARIDA O duque?

PRUDÊNCIA Estive.

MARGARIDA E ele deu a você?

PRUDÊNCIA Está aqui. Será que podia me emprestar uns 300 ou 400 francos?

MARGARIDA Pronto. Disse Com idéia

do ir para o campo? PRUDÊNCIA Disse.

MARGARIDA E o que foi que ele achou?

PRUDÊNCIA Que você tem razão, que só lhe pode
fazer bem... Vai mesmo?

MARGARIDA Espero que sim... Ainda

hoje fui ver a casa. PRUDÊNCIA

Quanto é o aluguel?

MARGARIDA Dois mil francos.

PRUDÊNCIA Amor a quanto obrigas!

MARGARIDA Estou com medo, Prudência; quem
sabe é uma paixão? Ou será um capricho? O que eu
sei é que é alguma coisa...

PRUDÊNCIA Ele veio ontem?

MARGARIDA Ainda pergunta?

PRUDÊNCIA E volta hoje?

MARGARIDA Deve estar chegando.

PRUDÊNCIA Eu sei muito bem! Ficou lá em casa
umas três ou quatro horas...

MARGARIDA E falou em mim?

PRUDÊNCIA Não fez outra coisa.

MARGARIDA O que foi que ele disse?

PRUDÊNCIA Que está louco por você.

MARGARIDA Faz tempo que o conhece?

PRUDÊNCIA Faz.

MARGARIDA Alguma vez já o viu apaixonado?

PRUDÊNCIA Não, nunca.

MARGARIDA Palavra de honra?

PRUDÊNCIA Palavra !

MARGARIDA Se soubesse que coração grande ele tem, como fala na mãe e na irmã!

PRUDÊNCIA É uma pena que os moços como ele não tenham cem mil libras de renda!

MARGARIDA Pelo contrário, é uma sorte! S^o assim podem acreditar que é deles mesmo que a gente gosta. (Pega na mão de Prudência e a põe sobre o peito). Está vendo?

PRUDÊNCIA O que?

MARGARIDA Como está batendo, não vê?

PRUDÊNCIA E por que é que está batendo?

MARGARIDA Porque são dez horas e ele vai chegar.

PRUDÊNCIA Já está nesse estado? Vou me pondo ao fresco. Se isso pega é um perigo.

MARGARIDA Vai abrir, Nanine.

NANINE Não bateram.

MARGARIDA Bateram sim.

CENA II

(Prudência e Margarida).

PRUDÊNCIA Minha filha, vou
rezar por você! MARGARIDA

Por que?

PRUDÊNCIA Porque está
correndo perigo.

MARGARIDA Quem sabe?

CENA III

(Os mesmos e Armando).

ARMANDO Margarida.

MARGARIDA Eu sabia que ele tinha batido.

PRUDÊNCIA Não me diz boa noite, ingrato?

ARMANDO Perdão, Prudência. Como vai?

PRUDÊNCIA Bem, meus filhos, já estava de saída.
Tenho alguém me esperando, lá fora. Até já. (Sai).

CENA IV

(Armando e Margarida).

MARGARIDA Vamos! Venha para perto de mim.

ARMANDO Estou aqui.

MARGARIDA Gosta de mim do mesmo jeito?

MARGARIDA Como?

ARMANDO Gosto mil vezes mais

MARGARIDA Hoje, o que foi que você fez?

ARMANDO Estive com Prudência, Gustavo e
Nichette; estive em toda a parte em que se podia
falar em Margarida.

MARGARIDA E de noite?

ARMANDO Meu pai escreveu dizendo que estava
me esperando em Tours, respondi que
não valia a pena ficar à minha espera.
Será que estou com jeito de quem vai
para Tours?

MARGARIDA No entanto, não deve se
indispor com ele . ARMANDO Não
tem perigo. E você o que

MARGARIDA Eu? Pensei em ti.

ARMANDO De verdade?

MARGARIDA De verdade. E fiz muitos projetos.

ARMANDO Fez mesmo?

MARGARIDA Fiz.

ARMANDO Me conte quais.

MARGARIDA Mais tarde!

ARMANDO Por que não agora,

MARGARIDA Porque agora ainda não gosta de mim como é preciso; quando eles se realizarem então eu conto; por enquanto basta saber que é em você que eu andei pensando.

ARMANDO Em mim?

MARGARIDA É, em você, de quem eu gosto tanto.

ARMANDO Vamos, diga o que?

MARGARIDA Para que?

ARMANDO Eu estou pedindo.

MARGARIDA Acha que posso guardar algum segredo de você?

ARMANDO Então diga.

MARGARIDA Eu imaginei um plano.

ARMANDO Que plano?

MARGARIDA Não posso contar; só posso contar o resultado que ele deve ter.

ARMANDO E que resultado deve ter?

MARGARIDA Você gostaria de passar o verão no campo comigo? ARMANDO Ainda pergunta?

MARGARIDA Bravo! Se o meu plano der certo, e

tem que dar, daqui a quinze dias estou livre; não devo mais nada a ninguém e vamos juntos passar o verão no campo.

ARMANDO E não pode me dizer de que jeito?

MARGARIDA Não; mas veja se me pode amar como eu te amo que tudo há de dar certo.

ARMANDO E foi sozinha que descobriu esse plano, Margarida? MARGARIDA Por que está falando assim comigo?

ARMANDO Responda, Margarida!

MARGARIDA Foi sozinha... sim.

ARMANDO E é sozinha que vai executá-lo?

MARGARIDA (Hesitando). Sozinha.

ARMANDO Você já leu “Manon Lescaut”, Margarida? MARGARIDA Já, o livro está lá na sala.

ARMANDO O que acha de Des Grieux?

MARGARIDA Por que está perguntando?

ARMANDO Porque uma vez Manon também descobriu um plano, extorquir dinheiro do Sr. B. para gastá-lo com Des Grieux. Você tem mais coração do que ela Margarida e eu mais

lealdade do que ele.

MARGARIDA O que quer dizer com isso?

ARMANDO Que se o seu plano é desse gênero, eu não aceito. MARGARIDA Está certo, Armando, não falamos mais nisso ... Que dia lindo fez hoje, não fez 7

ARMANDO Fez. Lindo.

MARGARIDA Havia muita gente nos Campos Elíseos?

ARMANDO Muita.

MARGARIDA Decerto o tempo vai ficar firme até a mudança da lua, não é verdade?

ARMANDO Que me importa a lua!

MARGARIDA Então o que quer que eu fale? Quando digo que te amo e te dou prova disso, fica todo empertigado. O melhor mesmo é falar na lua.

ARMANDO O que você quer, Margarida? Tenho ciúme até de seus pensamentos. O que me propôs ainda há pouco...

MARGARIDA Oh! Não torne a falar nisso!

ARMANDO Torno sim, torno a falar... Escute! O que me propôs ainda há pouco ia me deixando louco de alegria; mas o

mistério
que está envolvendo esse projeto?

MARGARIDA Vamos, veja se consegue
raciocinar... você gosta de mim e tinha
vontade de passar uns dois ou três
meses comigo, num
canto qualquer, longe de Paris...

ARMANDO É claro que tinha.

MARGARIDA Pois eu também gosto de você e não
quero outra coisa; mas para isso é
preciso o que eu não tenho. Você não
sente ciúme do duque, não é mesmo?
Sabe como é puro o
sentimento que ele tem por mim então, me deixe
fazer
o que eu quero.

ARMANDO É que...

MARGARIDA Vamos, eu te amo, está combinado?

ARMANDO Mas...

MARGARIDA (Interrompendo-o). Está
combinado, vamos? ARMANDO Ainda
não.

MARGARIDA Então venha me ver amanhã para
resolvermos. ARMANDO Como, venha me ver

amanhã? Está me mandando embora?

MARGARIDA Ai, ai, ai! Lá vem você de novo!

ARMANDO Margarida, você está me enganando!

MARGARIDA Há quanto tempo eu te conheço?

ARMANDO Há quinze dias.

MARGARIDA O que me obrigava te receber?

ARMANDO Nada.

MARGARIDA Se eu não te amasse, tinha o direito de te mandar embora como faço com Varville e os outros, não tinha?

ARMANDO É claro.

MARGARIDA Então, querido, deixa-te amar não te queixes! ARMANDO

Perdão, me perdoe.

MARGARIDA Desse jeito, vou passar a vida te perdoando. ARMANDO Não, é a última vez. Pronto! Vou me embora.

MARGARIDA É está na hora. Volte amanhã ao meio-dia almoçamos juntos.

ARMANDO Então, até amanhã.

MARGARIDA Até amanhã !

ARMANDO Ao meio-dia !

MARGARIDA Ao meio-dia.

ARMANDO Jura?

MARGARIDA O que?

ARMANDO Que não está esperando ninguém.

MARGARIDA Outra vez! Juro que te amo e a
ninguém mais. Não chega?... ARMANDO Adeus!

MARGARIDA Adeus.

(Armando hesita um pouco e sai).

CENA V

MARGARIDA (Sozinha). Como é estranha vida!

Quem diria há oito dias atrás que
esse homem que eu nem conhecia, ia
se apossar

tão depressa do meu coração e pensamento? O

que irá

acontecerá Para mim um amor de verdade pode

ser uma

desgraça. Será que ele me ama, será que eu o ama?

Nunca

me apaixonei por ninguém! Por que sacrificar uma

alegria?

São tão raras! Por que não se abandonar aos

caprichos do

coração? Quem sou eu? Uma criatura do acaso!

Oh! Deixe

pois que o acaso faça de mim o que quiser. Que me
importa,
parece que nunca me senti tão feliz! Quem sabe é
um mau
agouro? Estamos prevendo sempre que vão se
apaixonar por
nós, jamais que vamos nos apaixonar por alguém;
e, agora,
ao primeiro golpe deste mal imprevisto, não sei o
que sou
nem onde estou.

CENA VI

(Margarida, Nanine, em
seguida, o Conde).

NANINE (Anunciando). O Sr. conde.

MARGARIDA Boa noite, conde...

O CONDE Boa noite, Margarida. Como
vai passando? MARGARIDA Muito
bem.

O CONDE Está frio como diabo! Escreveu-me
pedindo que viesse às dez e meia... Como está
vendo, sou pontual.

MARGARIDA Temos muito o que
conversar, meu amigo. O CONDE Já

ceou?

MARGARIDA Já, por que?

O CONDE Porque se não podíamos cear juntos,
enquanto conversávamos.

MARGARIDA Está com fome?

O CONDE Nunca me falta apetite para a ceia.

Jantei tão mal no clube! MARGARIDA O que
faziam por lá?

O CONDE Quando eu saí, jogavam.

MARGARIDA Saint-Gandens perdia?

O CONDE Uns 25 luísesmas esbravejava como se
fossem 1.000 escudos.

MARGARIDA Uma dessas noites ceou
aqui com Olímpia. O CONDE E quem
mais?

MARGARIDA Gastão de Rieux.

O CONDE Conheço.

MARGARIDA Armando Duval.

O CONDE Quem é esse Armando Duval?

MARGARIDA Um amigo de Gastão. Prudência e eu
aí estão os convivas... Rimos bastante.

O CONDE Se soubesse tinha vindo. Por falar nisso,

ia saindo alguém daqui, agora, há pouco, antes de eu chegar?

MARGARIDA Não, ninguém.

O CONDE É que quando eu ia descendo do carro alguém se aproximou como para ver quem eu era e depois disso afastou-se.

MARGARIDA (À parte). Armando?

(Toca a campainha) . O CONDE Está querendo alguma coisa?

MARGARIDA Preciso falar com Nanine. (A Nanine, baixo). Desça, vá até a rua e, sem que ninguém dê por isso, espie se o Sr.

Armando Duval está lá e volte me dizer.

NANINE Sim senhora. (Sai).

O CONDE Sabe de uma novidade?

MARGARIDA Não.

O CONDE Gagouki vai casar.

MARGARIDA O nosso príncipe.

O CONDE Em pessoa.

MARGARIDA Com quem?

O CONDE Adivinhe.

MARGARIDA Eu conheço?

O CONDE Com Adélia.

MARGARIDA Que bobagem dela!

O CONDE Dela não, do príncipe.

MARGARIDA Meu caro, quando um rapaz de
sociedade casa com uma moça
como Adélia, não é ele quem faz
uma tolice, é ela
quem faz um mau negócio. O tal polonês além de
arruinado
tem uma reputação] vai casar com Adélia por
causa das 15
mil libras de renda que vocês foram lhe dando,
uns depois
dos outros.

NANINE (Entrando). Não senhora, não está.

MARGARIDA E agora, conde vamos falar
de coisas sérias... O CONDE De coisas
sérias? Preferia falar de coisas alegres.

MARGARIDA Mais tarde, se aceitar a
coisa alegremente.

O CONDE Sou todo ouvidos.

MARGARIDA Por acaso tem dinheiro disponível?

O CONDE Para que?

MARGARIDA Para uma ordem de pagamento.

O CONDE Anda faltando dinheiro por aqui?

MARGARIDA Infelizmente! Preciso de..... 15.000 francos.

O CONDE Oh diabo! Uma quantia respeitável. E por que precisa de 15.000 francos?

MARGARIDA Porque estou devendo.

CONDE E quer pagar os credores?

MARGARIDA E preciso.

CONDE É preciso mesmo?

MARGARIDA É.

O CONDE Então... está feito.

NANINE Um mensageiro acaba de entregar esta carta dizendo que é urgente.

MARGARIDA Quem pode me escrever a esta hora? (Lendo). Armando! O que significa isto?

“Não gosto de fazer papel ridículo, mesmo junto da mulher que eu amo... No momento em que

eu saía de sua casa, o conde de Giray entrava...

Não tenho

nem a idade nem o temperamento de Saint

Gauden perdoe-me as culpa que tive, de não ser milionário: e esqueçamos os dois o

encontro de um dia e o amor de um
instante...

Quando receber esta carta já estarei longe de
Paris.

Armando”!

NANINE Tem resposta?

MARGARIDA Não, diga que está entregue.
Pronto lá se foi um belo sonho... Que pena!

O CONDE O que diz a carta?

MARGARIDA Esta carta o fez ganhar 15.00 francos.

O CONDE Ora veja! É a primeira carta que
me rende tanto. MARGARIDA Pois é... não
preciso mais ali que estava pedindo. CONDE
São os credores que lhe estão dando quitação?

Que amabilidade!

MARGARIDA Não, eu é que estava apaixonada.

O CONDE Margarida Gauthier?

MARGARIDA Em pessoa.

CONDE Por quem, Santo Deus?

MARGARIDA Por um homem que não me queria
como acontece às vezes; por um homem sem
dinheiro. como acontece sempre.

CONDE Ah! É com amores como esse que
pretende se reabilitar dos outros?

MARGARIDA Olhe o que me escreveu. (Dá a carta ao conde).

O CONDE (Rindo). Ora vejam, é o Sr. Duval E
ciumento, esse cavalheiro...
Agora estou começando a
compreender a
utilidade das letras de câmbio! Era muito bonito
o que ia
fazer!

MARGARIDA Você tinha me convidado para cear?

O CONDE Pois o convite está de pé. Você jamais
Comerá até 15.000 francos ainda vou sair
economizando.

MARGARIDA Então vamos. Preciso tomar um
pouco de ar. O CONDE Parece que a coisa era
séria. Está tão agitada! MARGARIDA Não é
nada! (À Nanine). Vá me buscar um xale e um
chapéu.

NANINE Qual, minha senhora?

MARGARIDA O chapéu que quiser e um xale
leve. (Ao conde). É preciso que nos aceitem como
nós somos, meu amigo.

O CONDE Oh! Já estou acostumado
com essas coisas. NANINE A senhora

vai sentir frio.

MARGARIDA Não, não vou.

NANINE A senhora quer que a espere?

MARGARIDA Não, vá se deitar, decerto vou chegar tarde... Venha, conde.

CENA VII

(Nanine só) .

NANINE Está acontecendo alguma coisa, a patroa
está comovida! Decerto foi a carta
que chegou há pouco, que a deixou
nesse
estado... Ah! Está aqui. (Lê). O Sr. Armando não
manda
dizer... Há quatro dias nomeado, hoje demitido...
Viveu o que vivem as rosa... os políticos. Ora!
Sra.

Duvernoy!

CENA VIII

(Nanine e Prudência).

PRUDÊNCIA Margarida saiu?

NANINE Saiu agora mesmo.

PRUDÊNCIA E onde é que foi?

NANINE Foi cear.

PRUDÊNCIA Com o conde?

NANINE É sim senhora.

PRUDÊNCIA Não sabe se recebeu uma carta, ainda há pouco? NANINE Recebeu.

Do Sr. Armando.

PRUDÊNCIA E o que foi que disse?

NANINE Nada.

PRUDÊNCIA E vai demorar?

NANINE Vai. Pensei que a senhora já estivesse deitada.

PRUDÊNCIA Estava, estava dormindo. Mas me acordaram com a campainha e tive que ir abrir. (Batem).

NANINE Pode entrar.

UM CRIADO A patroa mandou pedir uma capa. Está com frio. PRUDÊNCIA Ela está lá em baixo?

UM CRIADO Está sim senhora na carruagem.

PRUDÊNCIA Peça-lhe o favor de subir, diga-lhe que eu estou chamando. UM CRIADO Mas... está acompanhada.

PRUDÊNCIA Não faz mal, vá depressa!

ARMANDO (De fora). Prudência!

PRUDÊNCIA Meu Deus! Agora é o outro que
está impaciente! Oh! Namorado ciumento, é
tudo a mesma coisa!

ARMANDO Então?

PRUDÊNCIA Que diabo, espere um pouco! Já o
chamo já.

CENA IX

(Os mesmos, Margarida).

MARGARIDA O que você quer de mim, Prudência?

PRUDÊNCIA Armando está lá em casa.

MARGARIDA E o que eu tenho com isso?

PRUDÊNCIA Quer falar com você.

MARGARIDA Para que? Não o quero receber... e
nem que eu quisesse o conde está lá em baixo me
esperando.

PRUDÊNCIA Eu é que não vou dar esse recado.
Não pode imaginar em que estado
ele está. Ia desafiar o conde, na
mesma hora.

MARGARIDA Mas o que é que ele quer?

PRUDÊNCIA Eu sei lá? Ele sabe lá? Nós é que
sabemos o que é um homem apaixonado.

NANINE A senhora quer a capa?

MARGARIDA Ainda não.

PRUDÊNCIA Vamos? O que decidiu?

MARGARIDA Esse rapaz ainda vai fazer a minha infelicidade.

PRUDÊNCIA Então não fale mais com ele. E
melhor que as coisas fiquem como estão.

MARGARIDA Você acha?

PRUDÊNCIA É claro!

MARGARIDA E o que mais que ele disse?

PRUDÊNCIA Confesse, está com vontade de
vê-lo Vou chamá-lo. E o conde?

MARGARIDA O conde que espere.

PRUDÊNCIA Era melhor despedir o conde, já uma
vez.

MARGARIDA Tem razão... Nanine, desça diga ao
Sr. de Giray que estou me sentindo
mal, e que não vou mais cear ele que
me
desculpe.

NANINE Sim, senhora.

PRUDÊNCIA (Na janela). Armando, pode vir! Ah!
Não será preciso dizer duas vezes...

MARGARIDA Não vá embora, fique aqui.

PRUDÊNCIA Eu não... Prefiro ir por mim do que

esperar que me
mandem...

NANINE (Entrando). O Sr.
conde já foi. MARGARIDA E
não disse nada?

NANINE Não senhora, mas estava com uma cara!
CENA X

(Margarida e Armando).

ARMANDO (Indo se ajoelhar aos pés de
Margarida). Margarida! MARGARIDA O que
você quer?

ARMANDO Quero que me perdoe.

MARGARIDA Você não merece! (Movimento de
Armando). Está certo que tenha ciúme
e me escreva uma carta irritada.... mas
nunca

uma carta ironiza e impertinente... Você me
magoou
demais, Armando.

ARMANDO E você, Margarida, pensa que
também não me magoou? MARGARIDA Mas
eu, não foi por mal.

ARMANDO Quando vi o conde chegar, quando

percebi que era por causa dele que
me despedia fiquei como um louco,
perdi a
cabeça e escrevi aquela carta. E quando, em vez da
resposta
que eu esperava, em vez de desculpas, você
mandou dizer,
secamente, que a carta estava entregue, e que
não tinha
resposta, não agüentei mais... Pensei no que seria de
mim se
nunca mais te visse. E o mundo ficou vazio de
repente...
porque se eu te conheço há poucos dias, Margarida,
há dois
anos que eu te amo...

MARGARIDA Escute! Acho que tomou uma boa
resolução, meu amigo. ARMANDO Qual?

MARGARIDA De partir. Não foi o que escreveu?

ARMANDO Acha que seria possível?

MARGARIDA É preciso que seja.

ARMANDO É preciso?

MARGARIDA É Não só por você como por mim,
também. Minha condição me impõe que não o veja e
tudo me impede de amá-lo.

ARMANDO Então gosta um pouco de mim, Margarida? MARGARIDA Gostei.

ARMANDO E agora?

MARGARIDA Agora pensei melhor e vi que era impossível o que eu desejava.

ARMANDO Aliás se gostasse de mim não teria recebido o conde, esta noite.

MARGARIDA Por tudo isso é que mais vale ficar onde estamos. Sou jovem, sou bonita, sou uma boa moça. Você, um rapaz sensato; devia ter visto em mim o que há de bom, deixar o que não presta e ignorar o resto.

ARMANDO Não era assim que me falava ainda há pouco, Margarida, fazendo-me entrever os meses que eu ia passar só com você, longe de Paris, longe do mundo. Eu caí dessa esperança na realidade por isso é que sofri.

MARGARIDA É verdade... e eu ainda fui mais longe... disse assim comigo: acho que um pouco de descanso me faria bem; ele

está preocupado com a minha saúde se houvesse
um jeito
de passar com ele um verão tranqüilo, em algum
lugar no
campo, no meio de algum bosque, ao menos
seria uma
compensação para os dias ruins... No fim de... três
ou quatro
meses tínhamos voltado para Paris, dado um bom
aperto de
mão e transformado em amizade o restos do nosso
amor.

Porque o amor que costumam sentir por mim,
por mais
violento que seja nem sempre pode vir a ser uma
amizade.

Mas você não quis; seu coração é um senhor altivo
que nada
aceita... não se fala mais nisso... Me conhece há
quatro dias,
ceou uma noite aqui em casa, me mande uma Jota
com o
seu cartão estamos quites.

ARMANDO Está louca, eu te amo, Margarida! E
isso não quer dizer que é bonita e que
ia me atrair por uns quatro meses; mas
que é

toda a minha esperança, todo o meu pensamento,
toda a
minha vida. Eu te amo! Que mais te posso
dizer.

MARGARIDA Então, mais uma razão é melhor
nos separarmos desde já. ARMANDO

Naturalmente, porque você não gosta de mim.

MARGARIDA Porque eu... você não sabe o que
esta dizendo! ARMANDO Por que então?

MARGARIDA Por que? Você quer saber? Porque
há momentos que eu não quero
interromper o sonho começado;
porque há dias em
que me sinto fatigada dessa vida que levo; porque
no meio
de nossa existência ruidosa, a cabeça, a vaidade, os
sentidos
vivem... mas o coração aperta e como não pode se
expandir,
sufoca. Parece que somos felizes e nos invejam.
De fato,
temos amantes que se arruinam, não por nossa
causa, como
dizem, mas por causa de sua vaidade... Somos as
primeiras

no seu amor próprio e as últimas na sua estima. E
temos
amigos, como Prudência, cuja amizade vai até o
servilismo,
jamais até o desinteresse. Pouco se importam
com o que
fazemos, contanto que freqüentem o nosso
camarote ou se
pavoneiem em nossas carruagens. É assim à
nossa volta,
vaidade, vergonha, mentira... Por isso, às vezes; eu
sonhava,
sem dizer nada a ninguém, encontrar um homem
que fosse
capaz de não me pedir satisfação e quisesse ser o
amante de
minhas emoções... Esse homem, pensei tê-lo
encontrado no
duque, mas a velhice não é proteção nem é consolo
e meu
coração tem outras exigências. Então eu te
conheci
moço, ardente, feliz; as lágrimas que te vi
derramar
por minha causa, o interesse que te vi demonstrar
por minha
saúde, as visitas misteriosas enquanto estive

doente, a
franqueza, o entusiasmo, tudo isso fez com que
eu te
tomasse por aquele a quem vivia chamando, do
fundo de
minha ruidosa solidão. De repente, desatinada,
construí o
meu futuro sobre o seu amor e me pus a Sonhar
com o
campo e as coisas simples, a lembrar de meu
tempo de
criança porque aconteça o que acontecer, nada
apaga da
memória a criança que um dia fomos. Estava
querendo o
impossível; uma frase sua me fez cair em mim
tudo, agora
já sabe!

ARMANDO E pensa que depois do que me disse.
Você quis saber de eu vou deixá -la?
Depois de ter ouvido o que eu ouvi?
Quando a
felicidade me abre os braços, vou lhe voltar as
costas? Não,
Margarida, nunca; seu sonho vali-se realizar,
juro. Não
falemos mais nisso, nós somos moços, gostamos

um do
outro sigamos o nosso amor.

MARGARIDA Não me engane, Armando; sabe
que uma emoção violenta pode me
matar; lembre já de quem eu sou e do
que sou.

ARMANDO É um anjo, eu te amo!

NANINE (Batendo). Senhora.

MARGARIDA O que é?

NANINE Acabam de entregar uma carta.

MARGARIDA Hoje é a noite das cartas! De quem?

NANINE Do Sr. conde.

MARGARIDA Estão esperando a resposta?

NANINE Estão, sim senhora.

MARGARIDA Viva! Diga que está entregue.

ATO III

(Auteuil, um quarto ao rés do chão. No fundo,
diante do espectador, uma lareira. De cada lado
uma porta envidraçada, dando para um jardim. À
direita, no primeiro plano, uma porta Mesas e
cadeira).

CENA I

(Nanine, levando uma bandeja de chá,
depois do almoço, Prudência).

PRUDÊNCIA Que é de Margarida?

NANINE Está no jardim com dona Nichette e o
Sr. Gustavo que vieram passar o dia aqui.
Acabaram de almoçar.

PRUDÊNCIA Então vou até lá.

ARMANDO (Entrando, enquanto Nanine sai). Ah
! E você Prudência? Tenho uma
coisa muito séria para lhe falar. Há
quinze dias
você saiu daqui no carro de Margarida, não
foi?

PRUDÊNCIA Foi !

ARMANDO Desde então nem o carro, nem os
cavalos tornaram a aparecer. Há
oito dias, na hora da despedida,
você se
queixou de frio e Margarida lhe emprestou uma
capa, que
você não devolveu Ontem, afinal,
entregou-lhe uns
braceletes e uns diamantes, diz ela que para o
conserto.
Onde estão os cavalos, a carruagem, a capa, os
diamantes?

PRUDÊNCIA Quer que eu seja franca?

ARMANDO É um favor.

PRUDÊNCIA Os cavalos foram devolvidos ao negociante, pois foram comprados a crédito.

ARMANDO A capa?

PRUDÊNCIA Vendida.

ARMANDO Os diamante?

PRUDÊNCIA Empenhados. Estou com as cautelas aqui. ARMANDO E por que não me disse nada?

PRUDÊNCIA Porque Margarida não quis.

ARMANDO E por que essas vendas e esses penhores?

PRUDÊNCIA Para as despesas! Pensa, meu caro, que basta amar para ir viver fora de Paris, uma vida pastoril e etérea? Está muito enganado ! Ao lado da poesia existe a triste realidade. As melhores resoluções estão presas à terra por laços ridículos' mas de ferro e que não rompemos assim facilmente. Acabo de estar com o duque, pois queria ver se era possível evitar

tantos sacrifícios, mas o duque não quer fazer mais
nada por
Margarida, a menos que ela abandone você, e
sabemos
muito bem que disso ela nem tem
vontade.

ARMANDO Como ela é boa!

PRUDÊNCIA Boa, mesmo, boa demais, pois sabe
Deus como vai acabar tudo isso? E
não pense que vai ficar só nisso, não.
Quer
vender tudo, tudo, para pagar o que ainda está
devendo.

Tenho aqui no bolso um projeto de venda, que o
corretor me
acaba de entregar.

ARMANDO Quanto será preciso?

PRUDÊNCIA Trinta mil francos, no mínimo.

ARMANDO Peça um prazo de quinze dias aos
credores. Em quinze dias eu pagarei tudo.

PRUDÊNCIA Vai pedir emprestado?

ARMANDO Vou.

PRUDÊNCIA Muito bonito! É o mesmo que
brigar com seu pai e ficar sem um vintém.

ARMANDO Estava prevendo isso; escrevi a meu

tabelião, dizendo que pretendia doar a
alguém o que herdei de minha mãe e
acabo

de receber a resposta; o documento já está pronto,
só falta
preencher algumas formalidades ainda hoje devo
ir a

Paris assinar os papéis. Enquanto isso, não
deixe que

Margarida faça o que está querendo fazer.

PRUDÊNCIA Mas e os papéis que estão aqui
comigo?

ARMANDO Quando eu tiver saído, entregue tudo
a ela, como se eu não soubesse de
nada. É preciso que ignore nossa
conversa. Aí
vem ela.

CENA II

(Margarida, Nichette, Gustavo, Armando e
Prudência).

MARGARIDA (Entrando põe um dedo nos
lábios, fazendo sinal à Prudência para se
calar).

ARMANDO (À Margarida). Querida,
ralhe, com Prudência! MARGARIDA Por

que?

ARMANDO Ontem pedi a ela que passasse lá
em casa para trazer as cartas que
encontrasse, pois há quinze dias
que o vou a

Paris. A primeira coisa que ela fez foi se esquecer.

E agora
sou obrigado a te deixar por uma ou duas horas. Faz
um mês

que não escrevo a meu pai, ninguém sabe onde
estou, nem

mesmo meu criado, pois eu queria evitar os
importunos. O

dia está bonito, Nichette e Gustavo estão aqui te
fazendo

companhia; vou pegar um carro e dar um pulo
até lá em

casa. Não demoro.

MARGARIDA Vá, querido, vá; mas se não
escreveu a seu pai não foi por minha
culpa quantas vezes te disse para
escrever.

Volte depressa. Vamos esperá-lo aqui
proseando e
passeando Gustavo, Nichette e eu.

ARMANDO Em uma hora estou de volta.

(Margarida o acompanha até a porta; voltando diz a Prudência).

MARGARIDA Está tudo arranjado?

PRUDÊNCIA Está.

MARGARIDA E os papéis?

PRUDÊNCIA Estão aqui. O corretor deve vir falar com você hoje, sem falta. Eu vou almoçar, que estou morrendo de fome.

MARGARIDA Vá. Nanine arranja tudo o que você quiser.

CENA III

(Os mesmos, menos Armando e Prudência) .

MARGARIDA (À Niche). Estão vendo, é assim que nós vivemos há três meses.

NICHETTE E você é feliz?

MARGARIDA Se sou!

NICHETTE Bem que eu dizia, Margarida, que a verdadeira felicidade está no sossego e na paz do coração.

Quantas vezes; eu e

Gustavo comentamos —”Quando será que Margarida vai gostar de alguém e levar uma vida mais tranqüila!”

MARGARIDA Pois é! O seu desejo se realizou,
estou apaixonada e estou feliz; fiquei com inveja
do amor de vocês dois.

GUSTAVO O fato é que nós somos felizes, não já
mesmo Nichette?

NICHETTE Acho que somos e não fica assim
tão caro. Você é uma grande dama,
Margarida e nunca foi nos visitar;
mas se
fosse também havia de querer viver como nós
dois. Está
pensando que a vida que leva aqui é simples
imagine
se visse os nossos dois quatinhos no 5.º andar...
As janelas
dão para um jardim onde os donos nem aparecem!
Como
pode haver gente que não aproveita o seu
jardim?

GUSTAVO Parecemos um romance alemão ou
um idílio de Goethe, com música de Schubert.

NICHETTE Não comece com brincadeira, só
porque Margarida está presente.
Quando estamos sós você não
brinca, é meigo
como um cordeiro e terno como um pombinho.

Imagine,
queria que nos mudássemos! Acha que nossa
vida é
modesta demais.

GUSTAVO Não, acho que nossa casa é que é alta demais.

NICHETTE Pois, não saia na rua, assim nem se lembra em que andar ela fica.

MARGARIDA Vocês dois são uns encantos.

NICHETTE Com o pretexto de ter 6.000 libras de renda, não quer mais que eu trabalhe. Um desses dias vai querer me comprar uma carruagem...

GUSTAVO Mais dia menos dia, quem sabe?

NICHETTE Tem tempo. Primeiro é preciso que seu tio me olhe com outros olhos. E que faça de você seu herdeiro e de mim sua sobrinha.

GUSTAVO Ele já está começando a voltar atrás.

MARGARIDA Então é porque não conhece Nichette! Se a conhecesse ficaria louco por ela.

NICHETTE Não, o senhor seu tio nunca me quis ver. Ainda é daquele gênero de tios que pensam que as “grisettes” foram

feitas
para arruinar os sobrinhos; queria que Gustavo se
casasse
com uma moça de sociedade. E eu, o que sou,
então? Será
que eu não sou da sociedade?

GUSTAVO Ele ainda vai se humanizar... Aliás,
desde que me formei está mais indulgente.

NICHETTE Pois é! Tinha me esquecido de
contar Gustavo já é advogado, minha cara.

MARGARIDA Vou-lhe confiar a minha própria
causa.

NICHETTE Já fez uma defesa, eu
estava na audiência. MARGARIDA E
ganhou?

GUSTAVO Perdi em cheio, meu cliente foi
condenado a 10 anos de trabalhos forçados.

NICHETTE Felizmente.

MARGARIDA Por que felizmente?

NICHETTE Porque o homem era um refinado
tratante! Que profissão engraçada é a
advocacia! O advogado é um grande
homem
na medida em que pode dizer: Eu tinha em minhas

mãos um
celerado, que havia morto o pai, a mãe e os
filhos. Pois
bem! Tenho tanto talento que consegui
absolvê-lo e
devolver à sociedade esse belo ornamento.

MARGARIDA Então, agora que é advogado.
logo iremos à boda... GUSTAVO Se eu me
casar.

NICHETTE Como, se o senhor se casar? Pois
espero que se case, e comigo, ainda!
Onde iria arranjar uma esposa melhor
e que
o quisesse mais?

MARGARIDA Então, para quando é?

NICHETTE Para logo.

MARGARIDA Você tem sorte, Nichette.

NICHETTE Será que você também não vai
acabar como nós? MARGARIDA Me
casando? Com quem?

NICHETTE Com Armando.

MARGARIDA Armando! Ele deve gostar de
mim, mas não se casará comigo. Quero tomar

lhe o coração, nunca hei de lhe tomar o nome. Há coisas que uma mulher não apaga de sua vida, Nichette, e que dariam ao marido o direito de censurá-la. Se eu quisesse casar com Armando, amanhã mesmo ele se casava comigo. Mas eu gosto demais dele, para o obrigar a tanto. Pergunte a Gustavo se eu não tenho razão.

GUSTAVO Você é uma moça de bem, Margarida.

MARGARIDA Não; mas penso como um homem de bem. Nunca imaginei que pudesse ser tão feliz. Agradeço a Deus por isso e não quero tentar a Providência.

NICHETTE Gustavo está dizendo isso, mas aposto que se estivesse no lugar de Armando casava com você, não é mesmo, Gustavo?

GUSTAVO E bem possível. Aliás, a inocência das mulheres pertence ao primeiro amor e não ao primeiro amante.

NICHETTE A não ser que o primeiro amante seja,
ao mesmo tempo, o primeiro amor. Eu sei de um
exemplo.

GUSTAVO E bem perto, não é mesmo?

NICHETTE Enfim, se você é feliz, o resto não
importa.

MARGARIDA Sou sim. E no entanto, quem diria
que Margarida Gauthier ainda iria
viver absorvida no amor de um
homem, sentada
ao seu lado hora a fio, trabalhando, lendo e
escutando?

NICHETTE Como nós.

MARGARIDA A vocês dois eu posso falar
francamente. Sei que acreditam em
mim porque é com o coração que me
ouvem. Há
momentos em que me esqueço do que fui; em que a
mulher
de outros tem pois se destaca de tal forma da
mulher de
hoje, que são duas pessoas que eu vejo e a segunda,
apenas
8 custo se lembra da primeira. Estranha aos maus
próprios

olhos, estranha aos olhos dos outros! Quando
vestida de
branco, um grande chapéu de palha na cabeça, a
peliça no
braço por causa da frescura da água, subo com
Armando no
barco, deixando-o ir ao sabor da corrente e parar,
sozinho,
sob os salgueiros da ilha mais próxima, quem diria
que essa
sombra branca é Margarida Gauthier? Já fiz
gastarem em
flores mais dinheiro do que seria preciso para
sustentar uma
família durante um ano agora uma só flor que
Armando me
deu esta manhã, basta para perfumar todo o meu
dia. Vocês
sabem o que é o amor, como as horas correm
ligeiras,
levando
nos sem atropelo e sem fadiga, ao fim das semanas
e dos meses. Oh! Como eu sou feliz
Mas ainda quero ser mais... pois não
lhes contei
tudo...

NICHETTE O que?

MARGARIDA Ainda há pouco estavam dizendo
que eu não vivia como vocês logo não dirão
mais isso.

NICHETTE Como?

MARGARIDA Sem que Armando perceba vou
vender tudo o que tenho em minha
casa em Paris. Não quero mais voltar
para lá. Vou lá.

Vou pagar todas as dívidas, alugar um apartamento
perto de
vocês, mobiliá-lo modestamente, viveremos
assim,
esquecendo e esquecidos. No verão havemos de
voltar para
o campo, mas para uma casinha modesta. Há quem
pergunte
o que é a felicidade vocês me ensinaram e agora
eu
também posso ensinar aos outros.

NANINE Está aí um senhor perguntando pela patroa.

MARGARIDA (À Nichette). Decerto é o
corretor. Vão me esperar no jardim,
eu não demoro. Volto com vocês
para Paris,

assim liquidamos tudo juntos. (À Nanine). Faça-o
entrar.
(Faz um último sinal à Nichette e a Gustavo que
saem;
dirigir-se à porta pela qual entra o personagem
anunciado).

CENA IV

DUVAL (Da soleira da porta). Sra. Margarida
Gauthier? MARGARIDA Sou eu, meu senhor.
A quem tenho a honra de falar? DUVAL —A
Jorge Duval.

MARGARIDA Ao Sr. Duval!

DUVAL Sim, minha senhora, ao pai de
Armando. MARGARIDA Mas
Armando não está aqui, meu senhor.

DUVAL Eu sei, é com a senhora mesmo que
desejo ter uma explicação... queira ter a
bondade de ouvir

me. Meu filho está se comprometendo e se
arruinando por sua causa...

MARGARIDA Está enganado, meu senhor.
Graças a Deus ninguém mais fala de mim e eu
não aceito nada de Armando.

DUVAL Quer dizer que pois o seu luxo e as suas
despesas são bem conhecidos quer
dizer que meu filho é tão indigno a
ponto de esbanjar com a senhora o que a senhora
aceita dos
outros?

MARGARIDA Perdão, mas sou uma senhora e
estou em minha casa duas razões
que deveriam interceder em meu
favor
junto à sua cortesia; o tom em que está me falando
não é o
que eu podia esperar de um cavalheiro, que tenho a
honra de
ver pela primeira vez, e...

DUVAL E...

MARGARIDA Peço licença para me retirar, não
tanto por mim como pelo senhor.

DUVAL É verdade, quando nos defrontamos com a
senhora e com suas maneiras,
custamos a crer que todas essas coisas
sejam
postiças e essas maneiras dissimuladas. Bem me
tinham dito
que era uma pessoa perigosa.

MARGARIDA Perigosa, é verdade. Mas para mim e não para os outros. DUVAL Perigosa ou não, a verdade, é que Armando está se arruinando por sua causa, minha senhora.

MARGARIDA Com todo o respeito que devo ao pai de Armando, repito lhe que está enganado.

DUVAL Então o que significa esta carta de meu tabelião me prevenindo que Armando quer lhe fazer doação de um pecúlio?

MARGARIDA Eu lhe asseguro, que se Armando, fez isso, fez a minha revelia, pois sabia perfeitamente que se me tivesse oferecido eu o teria recusado.

DUVAL No entanto, nem sempre agiu assim.

MARGARIDA É verdade, meu senhor, mas então eu não estava apaixonada.

DUVAL E agora?

MARGARIDA Agora é diferente! Amo com toda a pureza que uma mulher pode encontrar no fundo do coração, quando Deus, tendo piedade dela, manda o

arrependimento.

DUVAL Pronto! Já começaram as frases de efeito!
MARGARIDA Ouça-me, por favor. Meu Deus! Sei
que ninguém acredita no juramento de uma mulher
como eu mas pelo
que tenho de mais caro no mundo, pelo amor que
tenho a
seu filho, juro que ignorava essa
doação.

DUVAL— Mas de alguma coisa é preciso que a
senhora viva... MARGARIDA O senhor vai me
obrigar a dizer o que eu desejava calar. Se falo é
porque prezo acima de tudo a estima do pai de
Armando. Desde que Conheci seu filho, quis que
o meu
amor nada tivesse com os sentimentos que até
então me
atribuíam; empenhei, vendi grande parte dos
meus bens;
capas, diamantes, jóias, carruagens. E quando
ainda há
pouco me disseram que havia alguém à minha
procura,
pensei que fosse o corretor que está negociando
meus

móveis, meus quadros, meus tapetes, vendendo
enfim, todo
o luxo de que o senhor me recrimina. E se ainda
duvida de
mim pense um pouco, eu não o estava esperando,
como é
que este documento podia ter sido preparado para o
senhor?

Se duvida de mim, leia isto. (Entrega-lhe o
documento).

DUVAL Mas é a venda dos móveis, obrigando-se
o comprador a pagar os credores e
devolver-lhe a diferença!
(Olhando-a
com emoção). Meu Deus! Será que me
enganei?

MARGARIDA Enganou-se, sim senhor, ou antes
foi enganado! Sei que fui uma doida;
sei que tenho um triste passado; mas
desde que
me apaixonei daria até a última gota de meu
sangue para
apagá-lo. Pois apesar de tudo o que lhe disseram,
eu tenho
coração. Sou boa, acredite, o senhor mesmo há
de ver,

quando me conhecer melhor... Foi Armando
que me
transformou assim; gostou de mim, ainda gosta. E
um pouco
de amor devolve a toda mulher a inocência perdida.
De três
meses para cá sou tão feliz! O senhor que é pai
dele,
também deve ser bom; por favor, não lhe fale mal
de mim;
ele gosta tanto do senhor que seria capaz de
acreditar; e eu,
o respeito e estimo porque é o pai de
Armando.

DUVAL Perdão, minha senhora, pela maneira
com que ainda há pouco me
apresentei. Não podia prever que
tivesse
sentimentos tão nobres, não a conhecia... Cheguei
irritado
com o silêncio e a ingratidão de meu filho, e
atirei-lhe a
culpa no rosto. Me perdoe.

MARGARIDA Obrigada pelas suas palavras.

DUVAL Por isso, é em nome de sentimentos tão
nobres que lhe vou pedir, para a

felicidade de meu filho, um sacrifício
ainda
maior do que aquele que já fez.

MARGARIDA Cale-se, por favor! Sei que vai me
pedir uma coisa terrível, tão terrível
que nunca deixei de esperá-la; eu já
sabia era feliz demais.

DUVAL Não pense que ainda estou irritado,
estamos conversando como dois
bons amigos; trazemos no coração o
mesmo
afeto e temos na mente um só propósito: a
felicidade de
Armando.

MARGARIDA Pode falar, estou ouvindo.

DUVAL A senhora é mais generosa que as outras
mulheres, por isso é como um pai
que eu lhe falo, como um pai que lhe
vem
pedir a felicidade de seus dois filhos.

MARGARIDA De seus dois filhos?

DUVAL É, Margarida, de meus dois filhos. Ouça o
que me trouxe à sua presença. Tenho
uma filha, bonita, moça, pura como um
anjo. Gosta de um rapaz e fez desse amor o sonho

de sua
vida. Creio que também tem direito ao amor.
Pretendo casá
la; escrevi a Armando, contando-lhe tudo,
mas ele,
absorvido pela senhora, nem sequer recebeu
minhas cartas
mesmo que eu tivesse morrido não teria ficado
sabendo. Pois bem! Minha filha vai se casar
com um
homem direito, entrar numa família honrada, que
espera da
nossa a mesma honradez. Mas a sociedade tem
exigências,
Margarida, principalmente a sociedade de
província; e se
seu amor por Armando pode purificá-la aos
olhos dele e
também aos meus, não a purifica aos olhos de
uma
sociedade que só há de ver na senhora o seu
passado e que
vai lhe fechar as portas, sem piedade. A família
de meu
futuro genro soube da vida de Armando, e me
declarou que
retiraria a palavra dada se ele prosseguisse na

vida que
leva... Está em suas mãos o destino de uma moça
que não
lhe fez nenhum mal. Em nome de seu amor,
Margarida,
conceda-me a felicidade de minha.

MARGARIDA Quanta bondade em suas
palavras... Diante do seu pedido o
que posso fazer? Eu o compreendo,
sei que o senhor tem
razão. Vou sair de Paris, vou me afastar de
Armando por
algum tempo. Vai ser doloroso, mas faço esse
sacrifício,
para que o senhor nada tenha a me censurar.,
Aliás, a
alegria da volta me fará esquecer a tristeza da
separação. O
senhor dará licença para ele me escrever de vez em
quando
e depois do casamento...

DUVAL Obrigado, Margarida, obrigado pela sua
compreensão... mas o que estou pedindo é outra
coisa.

MARGARIDA Outra coisa? Mas o que mais
podia me pedir, meu Deus? DUVAL Ouça,

Margarida; vou lhe falar com franqueza: uma
separação provisória, não basta.

MARGARIDA Então quer que eu deixe
Armando para sempre? DUVAL É preciso!

MARGARIDA Isso nunca! Me separar de Ar.
mando, agora, não seria apenas, uma
injustiça, mal um crime. Então não
sabe o que
somos um para o outro? Não sabe que não tenho
amigos,
nem parentes? Que me perdoando ele jurou ser
tudo para
mim, e que fez de sua vida a minha vida? Não
sabe então
que eu sofro de uma moléstia incurável, que
tenho pouco
tempo para viver e que fiz de meu amor,
esperança dos
meus dias? Deixar Armando, Antes me matar de
uma vez.

DUVAL Vamos, minha filha, calma e nada de
exagero; a senhora é bonita, moça, e está tomando
por uma moléstia o cansaço de uma vida um pouco
agitada; não tem perigo, não vai morrer
antes do tempo em que a morte é uma felicidade.
Sei que

lhe peço um sacrifício enorme, mas a senhora
tem,
fatalmente, que ceder. Ouça, há três meses que
conhece
Armando e que se apaixonou por ele! Será que
uma paixão
tão nova tem o direito de destruir o futuro? Pois se
ficar ao
lado dele, é o futuro de meu filho que a
senhora está
destruindo. Tem certeza da eternidade desse amor?
Já não se
enganou de outras vezes? E se percebesse de
repente, que
não gosta de meu filho, que está apaixonada por
outro
homem, não seria tarde demais? Me perdoe,
Margarida, mas
o seu passado me dá o direito de tais
suposições.

MARGARIDA Nunca amei, nem nunca hei de amar
como estou amando!

DUVAL Seja! Mas se a senhora não se engana,
quem diz que ele não está enganado?
Pode o coração, nessa idade, assumir
um

compromisso definitivo? Não está sempre
mudando de
afeições? É o mesmo coração que no filho, ama
os pais
acima de tudo, que no marido ama a mulher mais
do que os
pais e que mais tarde no pai, ama os filhos acima
dos pais da
mulher e das amantes. A natureza é exigente,
porque é
pródiga. É bem possível que vocês dois estejam
enganados.
E agora, está disposta a encarar a realidade?
Está me
ouvindo, não está?

MARGARIDA Se estou, meu Deus!

DUVAL Está pronta a tudo sacrificar por meu filho;
mas se Armando aceitar, o seu
sacrifício que Sacrifício poderá
oferecer-lhe
em troca? Irá desfrutar a sua mocidade e depois,
o que
acontecerá quando vier o fastio? Porque o fastio há
de
vir... Se for um homem como os outros, há de
abandoná-la,

atirando-lhe o passado no rosto e dizendo que todos
fazem o
mesmo; se for um homem de bem casa-se com a
senhora, ou
pelo menos, fica ao seu lado. E esta ligação,
ou este
casamento, que não teve a castidade por base, a
religião por
apoio, nem a família por resultado? Seria
desculpável no
rapaz, mas nunca no homem maduro... Que
aspirações
poderia ter que carreira poderia seguir? E
eu, que
recompensa iria receber do filho por quem me
sacrifiquei
durante vinte anos? Este amor não é o fruto de
duas
simpatias puras, a união de duas afeições castas; é a
paixão,
no que ela tem de mais terrestre e de mais humano;
nasceu
do capricho de um e da fantasia de
outro; em resumo não é uma causa, é
um resultado. E com o correr dos anos,
o que
ficará de tudo isso? Quem lhe diz que as rugas do

seu rosto
não vão fazer cair o véu dos olhos de meu filho?
Quem lhe
diz que o amor de Armando não vai morrer com
a sua
mocidade?

MARGARIDA Ah! A realidade!

DUVAL Não está vendo daqui a sua dupla velhice,
duplamente

deserta, duplamente isolada, duplamente
inútil? Que
lembrança vai deixar? Que bem terá praticado?

Não,
Margarida, a vida é feita de necessidades cruéis. A
senhora
e meu filho têm pela frente, dois caminhos
diversos, que o
acaso reuniu por um momento, mas que a razão
separa para
sempre. Quando, por livre vontade escolheu a vida
que hoje
leva, não previu o que podia acontecer. Foi feliz
três meses,
não manche uma felicidade, que já não pode durar
guarde
apenas no coração a sua lembrança.

Que esta lhe dê forças, é tudo o que
tem direito de pedir. É duro o que estou
pedindo,
é cruel o que exijo, mas a estima em que a tenho é
que me
Obriga a falar assim. Quero dever ao seu bom
senso, ao seu
coração, ao seu amor por meu filho, o sacrifício
que podia
ter pedido à força e à lei. Um dia ainda vai se
orgulhar do
que fez e a vida inteira terá o respeito de si
própria. É um
homem que conhece a vida quem lhe fala. É um
pai quem
lhe implora. Vamos, Margarida! Vamos, minha
filha, prove
que gosta de meu filho, coragem!

MARGARIDA (Consigo mesma). Então, por mais
que se esforce, a criatura caída, jamais se levanta?
Deus talvez lhe perdoe, a
sociedade, nunca! De fato, com que direito irá
ocupar no
seio da família, um lugar reservado à virtude? Que
importa
se está apaixonada! Pode dar a prova que quiser
dessa

paixão, ninguém acredita, e é muito justo. Por que,
coração,
por que futuro? Que quer dizer com essas
palavras? Olhe
um pouco a lama do passado! Que homem lhe
chamaria
esposa, que criança lhe chamaria mãe? O Sr. tem
razão:
quantas vezes, cheia de terror, eu me dizia tudo o
que acabo
de ouvir! Mas como falava comigo mesma não me
escutava
até o fim... Agora vejo que era verdade, porque é o
senhor
quem me está dizendo! É preciso obedecer. Falou
em nome
de seu filho, em nome de sua filha foi muita
generosidade
invocar esses nomes. Pois bem... um dia o senhor
dirá à essa
moça, tão linda e tão pura pois é a ela que estou
sacrificando a minha felicidade, o senhor dirá a
essa
moça que havia uma vez, em algum lugar, uma
mulher que
só tinha uma esperança, um pensamento, uma
alegria, que à

invocação do seu nome renunciou a tudo e
esmagou o
coração com as próprias mãos até morrer. Porque
eu vou
morrer talvez então, Deus me perdoe.

DUVAL Pobre moça!

MARGARIDA O senhor está chorando, está pouco.
pena de mim! Obrigada

por essas lágrimas vão me dar forças... Quer que
eu
me separe de seu filho, pelo sossego, pela honra,
pelo futuro
dele o que é preciso que eu faça, diga!

DUVAL É preciso dizer que não gosta dele.

MARGARIDA Ele não vai acreditar

DUVAL É preciso ir embora.

MARGARIDA Ele irá à minha procura.

DUVAL Então...

MARGARIDA Escute: o senhor acredita que eu
gosto de Armando, que eu gosto dele sem nenhum
interesse?

DUVAL Acredito, Margarida.

MARGARIDA Acredita que tenha feito desse amor
o sonho, a esperança, o perdão de minha vida?

DUVAL Acredito, sim, Margarida.

MARGARIDA Então, me beije uma vez, como se
beijasse sua própria filha... Juro que
esse beijo, o único realmente puro
que já

recebi, me fará vencer o amor! Juro que dentro de
oito dias,

Armando estará em sua casa talvez infeliz por
algum

tempo, mas curado para sempre. E juro, também,
que nunca

há de saber o que acaba de se passar entre nós
dois.

DUVAL Margarida, a sua alma é muito nobre, mas
tenho medo que... MARGARIDA Não tenha medo
de nada, ele vai me detestar. (A campainha toca;
Nanine aparece) Vá chamar a Sra. Duvernoy.

NANINE Sim, senhora.

MARGARIDA (A Duval). Um último favor.

DUVAL Diga, minha senhora, diga.

MARGARIDA Daqui a pouco Armando vai ter um
dos maiores desgostos que já teve e
que talvez terá, em toda vida... Vai
precisar de

afeição perto dele fique ao seu lado. E agora,

vamos nos
despedir... ele pode chegar de um momento para
outro e se
visse o senhor, tudo estaria perdido...

DUVAL E a senhora, o que vai fazer?

MARGARIDA Se eu lhe contasse, o senhor não consentiria.

DUVAL Então, o que posso fazer pela senhora, em troca de um favor tão grande?

MARGARIDA Quando eu já estiver morta e Armando amaldiçoar a minha memória, conte

lhe como eu o amava e como dei provas desse amor. Estou ouvindo vozes, adeus, meu senhor, decerto nunca mais vamos nos encontrar. Seja feliz. (Ele sai).

CENA V

(Margarida e Prudência).

MARGARIDA Meu Deus! Dai-me forças!

(Escreve uma carta). PRUDÊNCIA

Mandou me chamar, Margarida?

MARGARIDA Mandeí. Quero encarregá-la de uma coisa.

PRUDÊNCIA Do que?

MARGARIDA Desta carta.

PRUDÊNCIA Para quem é?

MARGARIDA Veja! (Movimento de espanto de Prudência). Silêncio! Vá depressa.

CENA VI

(Margarida e Armando) .

MARGARIDA (Só). E agora, uma carta para Armando. O que vou lhe dizer? Meu Deus! Perdoai o mal que lhe estou fazendo e perdoai-lhe o mal que me vai fazer! Estou enlouquecendo, estou sonhando?... Não é possível... falta-me coragem. Não se tem o direito de exigir de alguém o que está acima de suas forças...

ARMANDO (Que enquanto isso entrou e se aproximou). O que está fazendo, Margarida?

MARGARIDA (Levantando-se).

Armando!... Nada, querido. ARMANDO

Estava escrevendo?

MARGARIDA Não... estava sim.

ARMANDO Que confusão é essa? Que palidez?
Para quem você estava escrevendo, Margarida?
Me dê essa carta.

MARGARIDA Era para você, Armando, mas pelo
amor de Deus, não me peça.

ARMANDO Pensei que entre nós já não
houvesse segredos, nem mistérios...

MARGARIDA Nem suspeitas, Armando!

ARMANDO Perdão, Margarida, mas estou
muito preocupado. MARGARIDA Por que?

ARMANDO Meu pai chegou.

MARGARIDA Você esteve com ele?

ARMANDO Não, mas deixou lá em casa uma carta
severa. Já está a par de minha estadia
aqui, de minha vida com você. Deve
vir cá

esta noite. Vamos ter um entendimento difícil; sabe

Deus o
que lhe disseram e o que vou ter de desmentir.

Mas ele vai
te ver bastará isso para te querer bem. E depois, é
verdade que eu dependo dele, mas eu posso
trabalhar, se for
preciso. Não há trabalho penoso com o teu amor no
fim do

dia...

MARGARIDA Não; evite brigar com seu pai,
Armando. Escute, você disse que ele
vinha cá, não foi? Então eu vou me
embora, para
que ele não me veja logo, na chegada; depois eu
volto e fico
perto de você. Vou me atirar aos pés dele,
implorando tanto,
que não terá coragem de nos separar.

ARMANDO O que é isso, Margarida? Alguma
coisa está acontecendo! Essa
agitação não é só por causa da
notícia que eu dei...
você mal se tem em pé!... Aconteceu alguma coisa
... Essa
carta... (Estende a mão).

MARGARIDA Esta carta contém uma coisa que eu
não te posso contar. Há certas coisas,
Armando, que não podemos confessar
a nós
mesmas, nem deixar que outros leiam em nossa
frente. É
uma prova de amor que eu estou te dando, juro
pelo nosso
amor, e não me pergunte mais nada.

ARMANDO Guarde essa carta, Margarida, eu sei
de tudo; Prudência me contou tudo
esta manhã foi por isso que eu fui a
Paris. Sei

do sacrifício que ia fazer por minha causa. Mas eu
também
estava trabalhando pela nossa felicidade; agora já
está tudo
arranjado. É esse o segredo que você não me queria
confiar?

Como poderei algum dia agradecer tanto amor,
Margarida?

MARGARIDA Então, agora que já sabe de
tudo, me deixe ir embora. ARMANDO Ir
embora!

MARGARIDA Me afastar, pelo menos. Seu pai
pode chegar de um momento para
outro. Eu estou aí mesmo no jardim,
com

Gustavo e Nichette, a dois passos de você, basta
me
chamar, que eu venho Como podia me separar de
você?

Acalme seu pai se ele estiver irritado, e depois,
vamos

realizar o nosso projeto, não é mesmo? Vamos
viver juntos
como dantes, felizes, como somos há três meses.

Pois você
é feliz, não é mesmo? E não tem nada a me
censurar?

Diga... eu gostaria de ouvir. Mas se te magoei,
perdoe, foi
sem querer, pois te amo mais do que tudo no mundo.

E você
também, não é mesmo? Você também me ama. E
fosse qual
fosse a prova de amor que eu te desse, não ia me
desprezar,
nem amaldiçoar?

ARMANDO Mas por que essas lágrimas?

MARGARIDA Precisava chorar um pouco. Está
vendo? Agora já estou calma. Vou
procurar Nichette e Gustavo. Estou aqui
mesmo, sempre tua, sempre te amando, sempre
pronta a ir
ao teu encontro. Viu, já estou sorrindo, até já, para
sempre.

(Sai).

CENA VII

(Armando só, depois

Nanine).

ARMANDO (À Nanine que ateia o fogo). Pobre
Margarida! Como fica assustada à
idéia de uma separação! Nanine, de
vier um

senhor me procurar, faça-o entrar é meu pari! Se
perguntar por Margarida, diga-lhe que está em
Paris.

NANINE Sim senhor.

ARMANDO Estou me preocupando atoa. Meu pai
vai me compreender. O passado está
morto. Depois, que diferença entre
Margarida e as outras mulheres! Veja Olímpia,
sempre às
voltas com as festas e os divertimentos... Quem não
ama,
precisa encher de ruídos a solidão. Vai dar um baile;
convidou-nos, a mim e a Margarida, como se
pudéssemos
voltar a esse meio... Já sete horas! De certo meu pai
não
vem mais! Nanine! Traga o candieiro e dê ordens
para
jantar. Como o tempo custa a passar,
quando ela não está ao meu lado. Que
livro é este? “Manon Lescaut”! Oh! A

mulher apaixonada não faz o que você
fazia, Manon!... Por que este livro
estará aqui? (*Nanine estira com a
lâmpada e*

sai. Lendo, ao acaso). “Juro-te meu
cavaleiro, que és o ídolo do meu
coração, que só a ti, em todo o mundo
eu poderia

amar como te amo! Mas não vês, pobre alma
querida, que
no estado a que estamos reduzidos, a felicidade e
uma
virtude bem tola? Acaso é possível a ternura quando
nos
falta o pão? A fome vai me levar a algum fatal
engano e

exalarei qualquer dia o último suspiro,
supondo que seja um suspiro de amor.
Eu te adoro, esteja certo, mas confia-me
por algum tempo a direção de nossa
sorte; desgraçado

daquele que cair em meus laços!

Trabalho para tornar rico e feliz meu
cavaleiro. Meu irmão dar-te-á notícias
de tua

Manon e dir-te-á como chorou vendo que precisava
deixar

te”. (*Armando põe o livro no lugar com tristeza e fica algum tempo inquieto*). Essa leitura me fez mal, esse livro é falso... (*Toca a campainha, Nanine aparece*). Meu pai não vem mais hoje diga à Margarida para voltar.

NANINE A patroa não está em casa.

ARMANDO Como? Então onde está?

NANINE Saiu... Pediu para dizer ao senhor que volta logo.

ARMANDO A Sra. Durnevoy saiu com ela?

NANINE Não a Sra. Durnevoy saiu um pouco antes.

ARMANDO Está bem... (Só) . É capaz de Ter ido antes a Paris, tratar de venda que estava projetando.

Felizmente Prudência está prevenida e arranjará um meio de impedi-la... (*Olha pela janela*). Parece que estou vendo uma sombra no jardim... (*Chama*). Margarida! Margarida! Ninguém!... Nanine! Nanine!... (*Toca a campainha*). Não responde. O que quer dizer com isso? Este vazio me arrepiia. Este silêncio encobre uma desgraça. Por que deixei Margarida sair? Ela me

escondia alguma coisa. Estava chorando! Será que
me
enganava? Ela, me enganar? Impossível! Logo
quando
pensava sacrificar tudo por mim... Mas quem sabe
aconteceu alguma coisa? Quem sabe está ferida?...
Quem
sabe, morta? Preciso saber o que...

UM MENSAGEIRO (*Entrando*). Sr. Armando
Duval?

ARMANDO Sou eu.

MENSAGEIRO Uma carta para o senhor.

ARMANDO De onde?

MENSAGEIRO De Paris.

ARMANDO Quem mandou?

MENSAGEIRO Uma senhora.

ARMANDO E como foi que conseguiu chegar até
aqui? MENSAGEIRO O portão do jardim estava
abertos não encontrei ninguém, vi luz aqui, pensei...

ARMANDO Está bem, pode ir... (Mensageiro se
retira).

ARMANDO É de Margarida... De onde me vem essa
emoção... Com certeza está me
esperando em algum lugar e me pede

para ir ao seu encontro! (Vai abrir a carta). Estou tremendo. Ora, que bobagem! (Durante esse tempo, Jorge Duval entrou e ficou de pé atrás do filho. Armando lê). “Quando você receber esta carta, Armando! (Dá um grito). Ah! (Volta-se e vê o pai). Meu pai! (Atira-se no seus braços, soluçando. Duval pega a carta e lê).

FIM DO TERCEIRO ATO

ATO IV

(Um “bondoir” em casa de Olímpia. Ao fundo, porta comunicando com um salão profusamente iluminado. Porta à direita e à esquerda. Mesa de jogo e jogadores, à esquerda, pessoas sentadas num canapé. Empregados oferecendo refrescos. Ao fundo, pessoas passeando. Ruído de orquestra; dança, movimento) .

CENA I

(Gastão, Artur, o médico, Prudência, Saint-Gaudens, Olímpia, Anais e convidados) .

GASTÃO (Fazendo banca no “baccarat”). Façam seu jogo, cavalheiros, façam seu jogo...

ARTUR Qual é a banca?

GASTÃO Cem luíses.

ARTUR Cinco francos no ponto.

GASTÃO Ora, ora... perguntar qual era a banca,
para jogar cinco francos...

ARTUR Se prefere posso jogar dez luíses a crédito

... GASTÃO Não, não, não. (Ao Médico). E o
senhor, doutor, não joga? O MÉDICO Não.

GASTÃO E o que está fazendo aí?

O MÉDICO Conversando com as senhoras... me
fazendo conhecer... GASTÃO Ganha mesmo
muito em ser conhecido!

O MÉDICO É só no que ganho.

GASTÃO Se é assim que jogam, eu largo a banca.

PRUDÊNCIA Espere! Eu jogo 10 francos.

GASTÃO Onde estão?

PRUDÊNCIA Aqui no bolso.

GASTÃO (Rindo). Dava 15 francos para
ver os seus 10. PRUDÊNCIA Gente!

Esqueci minha bolsa.

GASTÃO Isso é que se chama uma bolsa bem
mandada. Tome 20 francos

PRUDÊNCIA Depois eu pago.

GASTÃO Ora, deixe disso. (Dando as cartas) Nove!
(Recolhe o dinheiro).

PRUDÊNCIA Ele ganha sempre.

ARTUR Já estou perdendo 50 luíses.

ANAIS Doutor, veja se pode curar o Artur do mal da
pretensão. O MÉDICO É uma doença de moço,
passa com a idade. ANAIS Está dizendo que perdeu
1.000 francos quando chegou tinha dois luíses no
bolso.

ARTUR Como é que você sabe?

ANAIS Porque à força de olhar para um bolso, a
gente fica sabendo o que tem dentro.

ARTUR E isso prova o que? Prova que estou
devendo 960 francos. ANAIS Que é infeliz.

ARTUR Infeliz por que? Fique sabendo que eu pago
as minhas dívidas.

ANAIS Não é o que dizem os credores.

GASTÃO Façam seu jogo cavalheiros, façam seu
jogo! Não estamos aqui para perder tempo.

OLÍMPIA (Entrando com Saint-Gandens).

Ainda estão jogando? ARTUR Ainda.

OLÍMPIA Me dê 10 luíses, Saint-Gaudens,

eu quero jogar. GASTÃO Olímpia, sua festa está magnífica.

ARTUR Saint-Gaudens sabe quanto lhe custa.

OLÍMPIA Não é ele quem sabe é a mulher.

SAINT-GAUDENS Teve graça! Ah! O senhor está aí! Preciso consultá-lo doutor, ando tendo umas tonturas...

O MÉDICO Não diga!

OLÍMPIA O que é que ele quer?

O MÉDICO Acha que tem qualquer coisa na cabeça.

OLÍMPIA Que convencimento! Saint-Gaudens perdi, tudo. Vamos, jogue por mim e trate de ganhar.

PRUDÊNCIA Saint-Gaudens, quer me emprestar 3 luíses? (Ele dá o dinheiro).

ANAIIS Saint-Gaudens, vá me buscar um sorvete! SAINT-GAUDENS Neste instante.

ANAIIS Então conte a estória do fiacre amarelo.

GAUDENS Já vou indo! Já vou indo!

PRUDÊNCIA (A Gastão). Lembra-se da estória do fiacre amarelo?

GASTÃO Se me lembro! É claro! Foi em casa de Margarida que Olímpia nos quis contar. E

Margarida, está aqui?

OLÍMPIA Deve vir.

GASTÃO E Armando?

PRUDÊNCIA Armando não está em Paris Então não sabe o que aconteceu?

GASTÃO Não.

PRUDÊNCIA Estão separados. Margarida o abandonou.

GASTÃO Quando isso?

ANAIS Há um mês, e fez muito bem.

GASTÃO Muito bem, por que?

ANAIS A gente deve sempre abandonar os homens, antes que eles abandonem a gente.

ARTUR Então, senhores, joga-se ou não?

GASTÃO Credo! Como você é cacete! Pensa que vou gastar os dedos nas cartas por causa de suas apostinhas de 5 francos? Todo Artur é igual. Felizmente você é o último deles.

SAINT-GAUDENS(Entrando). Anais, está aqui o sorvete.

ANAIS Coitado, como demorou! Também na sua idade...

GASTÃO (Levantando-se). Senhores, a banca

estourou. Se alguém me dissesse: Gastão, você vai ganhar 50 francos, para passar a noite inteira dando cartas, é claro que eu não aceitava... Pois bem! Estou dando cartas há duas horas para sair perdendo 2.000 francos! Bela profissão é o jogo! (Um outro toma a banca).

CENA II

(Os mesmos, Armando).

SAINT-GAUDENS Não está mais jogando?

GASTÃO Não.

SAINT-GAUDENS (Mostrando, ao fundo, dois jogadores de “écarte”). Vamos apostar no jogo daqueles cavalheiros?

GASTÃO Não me arrisco. São seus convidados.

SAINT-GAUDENS Não. São convidados de Olímpia. Ela os conheceu no estrangeiro.

GASTÃO Que caras, hein?

PRUDÊNCIA Vejam! Olha o Armando!

GASTÃO (A Armando). Ainda há pouco falamos de você. ARMANDO E o que foi que disseram?

PRUDÊNCIA Dissemos que você estava em Tours e

por isso não podia vir.

ARMANDO Pois se enganaram, meus amigos!

GASTÃO Faz tempo que chegou?

ARMANDO Há uma hora, mais ou menos.

PRUDÊNCIA E então, Armando o que conta de novo?

ARMANDO Nada, Prudência, e você?

PRUDÊNCIA Tem visto Margarida?

ARMANDO Não.

PRUDÊNCIA Ela deve vir.

ARMANDO Muito bem! Então vou ter o prazer de vê-la. PRUDÊNCIA Que modo de falar!

ARMANDO Como que você quer que eu fale?

PRUDÊNCIA E o coração, está curado?

ARMANDO Completamente! Se não, acha que eu estaria aqui? PRUDÊNCIA E não pensa mais nela?

ARMANDO Se dissesse que não estaria mentindo;
mas felizmente sou desses homens que
dançam conforme a música...
Margarida me despediu de uma tal

maneira, que percebi que fui um idiota
me apaixonando daquele jeito. Pois
gostei
muito dela, mesmo.

PRUDÊNCIA Ela também gostou muito de você e
ainda gosta um pouco mas o que você
quer? Já estava a ponto de vender o
que tinha!

ARMANDO E agora, está tudo pagos?

PRUDÊNCIA Integralmente.

ARMANDO E foi Varville quem pagou as dívidas?

PRUDÊNCIA Foi.

ARMANDO Então, está tudo bem.

PRUDÊNCIA Há homens que nasceram para isso.
Enfim ele chegou onde queria.
Resgatou os cavalos, as jóias e
devolveu-lhe todo o luxo de antes...
Que ela tem sorte, isso tem!

ARMANDO E agora está de novo em Paris?

PRUDÊNCIA Claro... Depois que você partiu não
quis mais voltar a Auteuil. Eu é que fui
buscar as coisas dela, e as suas
também. Por falar nisso. está tudo lá em casa, à sua
disposição. Quando quiser pode mandar buscar. Está
faltando apenas uma carteirinha com as suas iniciais,

que
ficou com Margarida; mas querendo, posso
pedir.

ARMANDO (Comovido). Que fique com ela!

PRUDÊNCIA Aliás, nunca a vi assim nesse estado
quase não dorme, vive pelos bailes,
passa as noites em claro. ultimamente,
depois
de uma cela, ficou três dias de cama e
assim que o médico lhe deu licença
para se levantar, recomeçou tudo, com
risco de vida. Se continuar desse jeito,
não vai muito longe.
Pretende visitá-la?

ARMANDO Não. Pretendo evitar qualquer
explicação. O passado morreu. Que Deus tenha a sua
alma.

PRUDÊNCIA Sim senhor! Que bons propósitos!
Antes assim!

ARMANDO (Avistando Gustavo). Ah! Aí vem um
dos meus amigos, com quem preciso falar, com
licença, Prudência.

PRUDÊNCIA Esteja à vontade ! (Vai à mesa de
jogo). Jogo 10 francos!

CENA III

(Os mesmos, Gustavo).

ARMANDO Afinal, recebeu minha carta?

GUSTAVO Recebi e aqui estou.

ARMANDO Decerto ficou intrigado com o meu pedido estas festas não estão nos seus hábitos.

GUSTAVO De fato.

]

ARMANDO Faz muito tempo que não vê Margarida?

GUSTAVO Faz; desde aquele dia em que almoçamos todos juntos. ARMANDO Então, não sabe de nada?

GUSTAVO Não, o que houve?

]

ARMANDO Você pensava que Margarida gostava de mim, não é mesmo?

GUSTAVO E ainda penso.

ARMANDO (Dando-lhe a carta de Margarida) Leia!

GUSTAVO Foi Margarida quem escreveu isso?

ARMANDO Foi.

GUSTAVO Quando?

]

ARMANDO Há um mês.

GUSTAVO E você, o que respondeu?

ARMANDO O que queria que eu respondesse? O golpe foi tão inesperado que pensei enlouquecer... Ela, me enganar! Margarida me enganar! A mim, que a adorava! E assim, de repente... Essas mulheres não têm alma! Depois do que aconteceu, precisava de um apoio para continuar a viver.

Por isso me deixei conduzir por meu pai, como uma coisa inerte. Fomos para Tours. Pensei que lá eu pudesse ficar, mas não foi possível, não conseguia dormir, o ar me faltava. Tinha gostado demais dessa mulher para esquecê-la, assim de repente. Ela só podia me inspirar amor ou ódio; afinal não resisti mais, parecia que eu ia morrer se não tornasse a vê-la, se não ouvisse de sua boca o que me havia escrito...

Queria me libertar do amor, pelo desprezo, afogar o passado no ódio. Se estou aqui é porque desejo encontrá-la.

Não sei
o que vai acontecer mas sei que vai acontecer
alguma
coisa, e talvez precise de um amigo.

GUSTAVO Estou às suas ordens, Armando, mas
pelo amor de Deus reflita um pouco. Lembre
se que se trata de uma mulher e a ofensa que se faz a
uma mulher se aparenta muito à covardia.

ARMANDO Não importa! Ela tem um amante ele
me pedirá satisfações. Se eu cometer
uma covardia tenho bastante sangue
para
pagá-la.

UM CRIADO (Anunciando). Sra. Margarida de
Gauthier! Sr. Barão de Varville.

ARMANDO É ela!

OLÍMPIA (Indo ao encontro de Margarida). Por que
veio tão tarde?

VARVILLE Estamos chegando da ópera. (Varville
cumprimenta os presentes).

PRUDÊNCIA (À Margarida). Então, como vai?

MARGARIDA Muito bem!

PRUDÊNCIA Armando está aqui.

MARGARIDA Armando!

PRUDÊNCIA É.

(Neste momento, Armando
que está junto à mesa de
jogo, vê Margarida. Ela
sorri, timidamente. Ele
cumprimenta-a secamente) .

MARGARIDA Eu não devia ter vindo a este baile.

PRUDÊNCIA Por que?

MARGARIDA Ainda pergunta?

PRUDÊNCIA Pelo contrário. Mais dia, menos dia,
você, tinha mesmo de se encontrar com Armando
pois então que seja hoje.

MARGARIDA Ele falou com você?

PRUDÊNCIA Falou.

MARGARIDA De mim?

PRUDÊNCIA É claro.

MARGARIDA E o que foi que disse?

PRUDÊNCIA Que não lhe queria mal, que você
tinha feito bem. MARGARIDA Antes fosse; mas
não é possível que seja mal me cumprimentou e está
muito.

VARVILLE (À Margarida). Armando Duval

está aqui, Margarida. MARGARIDA Eu sei

VARVILLE Jura que não imaginava encontrá-lo?

MARGARIDA Juro

VARVILLE Então prometa não lhe dirigir a palavra.

MARGARIDA Prometo. Mas não prometo negar-lhe
respostas, se dirigir-se a mim. Não me largue

O MÉDICO (À Margarida). Doa noite, minha
senhora.

MARGARIDA Ah! É o senhor? Por que está me
olhando tanto?

O MÉDICO Porque é o melhor que tenho a fazer,
quando a tenho diante dos olhos.

MARGARIDA Está me achando mudada, não é
mesmo?

O MÉDICO Cuide-se, minha, senhora, cuide-se por
favor. Amanhã irei à sua casa repreendê-la, à
vontade.

MARGARIDA Isso! Ralhe comigo, que eu gosto...

Mas já está de saída? O MÉDICO Ainda não, mas
não demoro. Tenho que ver um doente; há seis
meses que o vejo, diariamente, à mesma hora.

MARGARIDA Que fidelidade! (Ele
aperta-lhe a mão e se afasta). GUSTAVO

Boa noite, Margarida.

MARGARIDA Oh! Que prazer, Gustavo!

Nichette está aqui? GUSTAVO Não.

MARGARIDA Desculpe! Isso não é meio para Nichette. Goste bem dela, Gustavo é tão bom ser amada! (Enxuga uma lágrima).

GUSTAVO O que você tem, Margarida?

MARGARIDA Sou tão infeliz, Gustavo!

GUSTAVO Que é isso, não chore! Por que foi que veio? MARGARIDA Por acaso sou dona de mim?

Depois, preciso me atordoar.

GUSTAVO Quer um conselho? Saia deste baile o quanto antes. MARGARIDA Por que?

GUSTAVO Porque nem sei o que poderá acontecer... Armando... MARGARIDA

Armando me odeia e despreza, não é?

GUSTAVO Não, Armando gosta de você. Veja como está pálido já não está mais se dominando. Antes que haja um incidente entre ele e Varville, invente uma indisposição e vá embora.

MARGARIDA Um duelo entre Armando e Varville,
por minha causa! Não é possível! Tem
razão, Gustavo, vou-me embora.
(Levanta
se).

VARVILLE (Aproximando-se). Onde vai,
Margarida?

MARGARIDA Não estou me sentindo bem, Varville.
Quero ir embora.

VARVILLE Não, não é verdade, Margarida. Você
quer ir embora porque Armando Duval
está aqui e não lhe está dando a menor
importância; mas você deve
compreender que eu não posso nem
quero fazer papel ridículo, fugindo do
lugar em que ele
se encontra. Foi você quem quis vir, pois agora,
fique.

OLÍMPIA (À Margarida). O que foi que
levaram hoje na ópera? VARVILLE “A
Favorita.”

ARMANDO A estória de uma mulher que
enganava o amante. PRUDÊNCIA Ora! Que
novidade!

ANAIIS Então era mentira; não há mulher nenhuma
que engane o amante.

ARMANDO Pois digo que há.

ANAIIS Onde isso?

ARMANDO Em toda a parte.

OLÍMPIA Sim, mas há amantes e amantes.

ARMANDO Como há mulheres e mulheres.

GASTÃO Armando! Você está se excedendo no
jogo!

ARMANDO É para me certificar se é verdadeiro o
provérbio: “Infeliz no amor, feliz no jogo.”

GASTÃO Neste caso deve ser muito infeliz no amor,
porque é feliz demais no jogo.

ARMANDO Meu caro, esta noite pretendo ganhar
uma fortuna e, se juntar bastante
dinheiro, vou passar uns tempos no
campo.

OLÍMPIA Sozinho?

ARMANDO Não, com alguém que uma vez já foi
comigo e depois me abandonou. Quem sabe, quando
eu for mais rico..

GUSTAVO Fique quieto, Armando! Veja em que
estado está essa pobre moça.

ARMANDO É uma estória divertida merece ser

contada. Há um sujeito que aparece no fim, uma espécie de providência de última hora, que é um tipo inesquecível.

VARVILLE (Avançando). Cavalheiro!

MARGARIDA Varville, se provocar Armando Duval, nunca mais na vida há de me ver.

ARMANDO (A Varville). É comigo que o senhor está falando? VARVILLE Justamente. Sua sorte no jogo está me tentando... Além disso, compreendo tão bem o emprego que pretende dar ao seu lucro, que, na esperança de vê-lo dobrar, proponho-lhe uma partida.

ARMANDO Que aceito, com o maior prazer.

VARVILLE Jogo cem luíses.

ARMANDO Feito. De que lado?

VARVILLE Do lado que não escolher.

ARMANDO Cem luíses na banca.

VARVILLE Cem lumes no ponto.

ARMANDO Dê as cartas.

GASTÃO Ponto, quatro banca, nove.

Armando ganhou. VARVILLE Então, duzentos luíses.

ARMANDO Feito! Mas tome cuidado, pois se o provérbio diz: “Infeliz no amor, feliz no jogo”, diz também, “Feliz no amor, infeliz no jogo”.

GASTÃO Ponto, seis! Banca, oito! Ainda é Armando quem ganha.

OLÍMPIA Ora vejam! É o barão quem vai pagar a vilegiatura de Armando.

MARGARIDA Meu Deus, meu Deus! O que vai acontecer! OLÍMPIA Para a mesa, meus senhores. Vamos, a ceia está servida.

ARMANDO Continuamos a partida?